

Sob Medida para Nós

Sinopse

Juliana é uma jovem talentosa que transforma sua paixão pela costura em sucesso e independência. Carlos Moretti, um CEO rico e famoso, surge em sua vida trazendo desejo, desafios e sentimentos que ela nunca imaginou.

Entre encontros inesperados, escolhas difíceis e o poder da amizade, os dois descobrem que o amor, assim como a costura, é feito de linhas que se entrelaçam de maneiras surpreendentes.

Uma história sobre paixão, coragem e laços que resistem ao tempo.

Capítulo 1 — Lembranças em Vermelho

O vento daquela manhã de abril trazia cheiro de terra molhada e pão recém-assado. A rua de paralelepípedos onde Juliana cresceu era estreita, com varandas de madeira que rangiam e vasos de plantas tortas nas janelas. As casas eram baixas, coloridas com tinta descascada — amarelo desbotado, azul-piscina lembrando dias melhores — e as pessoas se conheciam pelo nome. Ali, a vida se fazia nas esquinas, nos botecos com cafzinho forte e nas risadas que atravessavam o fim da tarde.

Juliana tinha dez anos quando a primeira grande ausência entrou em casa: a mãe não voltou da viagem à cidade vizinha. O pai, de olhos cansados e mãos calejadas, ficou menor do que ela lembrava. Era uma menina magra, de cabelo longo e ruivo que caía em ondas até o meio das costas, olhos verdes vivos como folhas recém-brotadas. Usava um vestido simples de algodão — estampado com pequenas flores roxas — e sandálias de couro gasto. Mesmo na pobreza, havia em Juliana uma maneira de carregar a dignidade: ajeitava a barra do vestido, colocava um laço no cabelo quando dava, varria a casa com cuidado, como se cada gesto pudesse reparar o mundo.

— Ju, passa aqui — chamava dona Rosa, a vizinha que tinha um fogão a lenha sempre aceso. — Leva esse pão que sobrou.

— Obrigada, dona Rosa — dizia Juliana, com a voz fina de criança que tentava não parecer assustada.

A falta da mãe abriu fendas que o tempo não cobriria fácil. O pai começou a trabalhar duas vezes mais; à noite, dormia antes que Juliana voltasse da escola. A menininha aprendeu cedo a cuidar da casa, a cozinhar arroz com pouca água e a remendar roupas — aquele jeito prático herdado dos que sobrevivem.

Anos depois, a perda se completou. Uma febre rápida, uma cama de pensão, o pai que não se levantou mais. Juliana tinha dezoito anos quando foi sozinha ao velório, com um vestido preto que lhe apertava a cintura e um casaco de lã que mal tapava os ombros. A menina que um dia fora alegre, de cabelo ruivo prendido por um laço velho, voltou para casa vazia — uma casa cheia de memórias e vazios.

Os primeiros meses foram os mais duros. Juliana trabalhou em costuras, lavou roupa na casa de Madame Lúcia, ajudou no mercadinho do senhor Antônio. Aprendeu a dobrar tecido com mãos firmes, a cortar linhas sem tremor, a transformar retalhos em peças que as mulheres da vila queriam usar. Mas não parou por aí — aos poucos, começou a costurar também para homens. Aprendeu a fazer paletós, camisas sociais, ternos. E fazia bem. Muito bem.

Ela usava roupas simples: blusas de malha, saias que batiam no joelho, sempre com o cabelo ruivo preso num coque quando costurava. Seus olhos verdes, que antes pareciam folhas molhadas de esperança, agora tinham o brilho de quem se recusa a desistir.

Foi numa dessas tardes abafadas de sol e tecido que um homem entrou no pequeno ateliê com o som firme de passos decididos. O sino da porta tocou, e Juliana levantou o olhar, limpando as mãos num pano.

Ele vinha de um carro elegante, daqueles que raramente paravam em ruas simples. O perfume era caro, discreto, e o terno que vestia denunciava sob medida. Cabelos loiros penteados para trás, olhos azuis atentos, pele clara e expressão segura. Um homem de presença.

— Boa tarde — disse ele, observando o lugar. — Você é Juliana?

— Sou sim. — Ela ajeitou uma mecha de cabelo ruivo que escapava do coque. — Em que posso ajudar?

— Ouvi falar de você — respondeu o homem, com voz grave e serena. — Disseram que faz ternos como ninguém.

Juliana ergueu o queixo, surpresa.

— Faço, sim. Mas confesso que não costumo atender pessoas que já vêm vestidas tão bem.

Um leve sorriso curvou os lábios dele.

— Mesmo assim, quero um feito por você.

— Um terno? — ela confirmou.

— Sim. — Ele deu um passo à frente. — Sou Carlos Moretti. Tenho uma reunião de negócios importante e quero algo único.

Juliana o observou, desconfiada, sem entender o motivo de um homem claramente rico e acostumado a grifes vir procurar o seu pequeno ateliê.

— Senhor Moretti, imagino que o senhor esteja acostumado com costureiros mais... renomados.

Carlos arqueou uma sobrancelha.

— Às vezes, o talento está onde menos se espera.

Ela ficou em silêncio por um instante, sentindo o peso das palavras. Depois, pegou a fita métrica.

— Então vamos fazer esse terno.

Ele tirou o paletó, ficando apenas com a camisa branca impecável, o relógio de ouro no pulso. Juliana se aproximou para tirar as medidas — o ombro largo, o braço forte, o pescoço firme. Ela tentava manter a concentração, mas o perfume e a postura dele a desconcertavam.

— Fique reto, por favor — pediu ela, com a voz um pouco mais baixa.

— Assim está bom? — perguntou ele, olhando-a nos olhos.

— Está... — respondeu, desviando o olhar rapidamente.

Durante as medições, o silêncio ficou cheio de algo que nenhum dos dois sabia nomear.

— Você parece muito segura do que faz — comentou Carlos, quando ela anotava as medidas.

— É o que me sustenta — disse ela, simples. — E o que me faz sentir viva.

Ele sorriu de leve.

— Bonito isso.

Juliana terminou de medir, guardou a fita e olhou para ele.

— O senhor quer escolher o tecido ou confia em mim?

— Confio em você. — Ele ajeitou o paletó e colocou novamente. — Mas quero que me surpreenda.

Ela assentiu.

— Então pode voltar em quatro dias.

Carlos fez um breve aceno e caminhou até a porta.

— Quatro dias, então. — Parou antes de sair, voltando o olhar para ela. — Costuma ser bom com prazos?

— Sempre — respondeu Juliana. — É uma questão de honra.

— Gosto disso — disse ele, e o som da porta se fechando deixou no ar um silêncio diferente — o tipo que anuncia o começo de algo.

Naquela noite, Juliana ficou sozinha no ateliê, com a fita nas mãos e o nome “Carlos Moretti” ecoando na cabeça.

Não era só um cliente.

Ela ainda não sabia, mas aquele terno seria o primeiro ponto de uma história que mudaria a vida dos dois para sempre.

Capítulo 2 — Medidas do Destino

Quatro dias se passaram desde que Carlos Moretti conheceu Juliana. Ele não conseguiu parar de pensar naquele pequeno ateliê, na precisão de cada gesto dela e, principalmente, na confiança com que ela afirmara que entregaria o terno pronto em apenas quatro dias. Normalmente, costumava levar semanas — às vezes meses — para um trabalho assim. A rapidez e a segurança de Juliana, sem nem ter provado seu corpo ou conhecer totalmente seu gosto, despertaram nele uma mistura de curiosidade e desconfiança.

Naquela tarde, o carro preto parou em frente ao ateliê. Carlos desceu, ajustando o paletó de grife que vestia por cima da camisa branca impecável, e abriu a porta com

passos firmes. O sino tocou quando ele entrou, e Juliana, que terminava os últimos retoques no ateliê, ergueu os olhos do tecido.

— Boa tarde — disse ele, com aquele tom grave e elegante que sempre parecia dominar o ambiente. — Tenho que confessar... fiquei desconfiado quando disse que o entregaria em quatro dias. Normalmente, trabalhos assim levam semanas.

Juliana sorriu discretamente, sem perder a compostura.

— Eu gosto de desafios — respondeu, calmamente. — E confiei que minhas medidas e minha percepção sobre estilo seriam suficientes para atender ao seu gosto.

Carlos ergueu uma sobrancelha, surpreso e ao mesmo tempo intrigado.

— Impressionante. É raro alguém confiar tanto assim, sem nem ter visto meu guarda-roupa completo.

— Às vezes, o que a gente sente vale mais que o que vê — disse Juliana, apontando discretamente para o terno sobre o manequim.

O terno era azul-marinho, feito com tecido italiano de altíssima qualidade. O corte clássico tinha sutis detalhes modernos: os ombros eram ajustados com precisão, a cintura delineada sem parecer apertada, e a barra das calças caía exatamente sobre os sapatos escuros. Os botões eram discretos, mas escolhidos com cuidado, e o forro interno tinha um tom de azul mais claro, elegante e inesperado. Ao toque, o tecido era firme, mas suave, transmitindo a sensação de luxo artesanal.

Carlos aproximou-se do manequim, passando a mão pelo tecido como quem tenta reconhecer excelência de longe.

— Parece que você fez isso... pensando em mim — comentou, com a voz baixa, mas firme.

— Talvez — respondeu Juliana, tentando manter o profissionalismo. — Ou talvez apenas no que eu considero um bom terno.

Ele deu um passo para frente, pegando o paletó do manequim e ajustando-o aos ombros. O caiamento era impecável.

— Está perfeito — disse, voltando-se para ela. — Mais perfeito do que qualquer terno que já usei.

Juliana sentiu um leve calor subir pelas bochechas, mas manteve a postura.

— Fico feliz que tenha gostado.

Carlos sorriu, examinando cada detalhe do terno como quem aprecia uma obra de arte.

— Confesso que não esperava ser surpreendido tão rapidamente.

Ela cruzou os braços, ainda observando a reação dele.

— Só queria provar que é possível — disse, com um riso contido.

Carlos olhou para ela por um instante, como se estudasse cada linha do rosto dela, cada gesto.

— E conseguiu. Muito mais do que imaginei.

O silêncio se alongou no ateliê, preenchido apenas pelo som distante da rua e pelo leve tic-tac do relógio de parede. Juliana sentiu algo diferente, um peso agradável, no ar entre os dois. Não era apenas profissionalismo ou reconhecimento; havia uma centelha de curiosidade mútua que ambos começavam a perceber.

Carlos se dirigiu à pequena cortina no canto do ateliê, onde Juliana indicara o espaço para que pudesse trocar de roupa. A moça, tentando manter a compostura, voltou-se para a mesa, ajustando a fita métrica em seu braço como se aquilo fosse apenas mais um detalhe do trabalho.

Quando ele saiu, vestindo o terno azul-marinho, o silêncio do ateliê parecia mais denso, como se cada fio do tecido pendurado ao redor carregasse atenção. O corte era impecável: os ombros alinhados, a cintura marcada com sutileza, as calças caíndo exatamente sobre os sapatos escuros de couro. Até o forro interno, num tom de azul mais claro, revelava cuidado e bom gosto.

Juliana segurou a respiração por um instante, tentando se concentrar no que realmente importava — o caimento perfeito do terno — mas não pôde deixar de notar como ele parecia dominar o espaço mesmo sem falar. A postura reta, os ombros largos, o olhar firme... tudo ali parecia pensado para impressionar.

— Está... perfeito — disse ele, girando lentamente na frente do espelho. — Nunca usei um terno que caísse tão bem.

— Fico feliz que tenha gostado — respondeu Juliana, com um sorriso contido, tentando manter o profissionalismo, embora o coração acelerasse.

Carlos aproximou-se do espelho e, quase sem perceber, estendeu a mão para ajeitar a lapela.

— A linha do ombro... perfeita. E a cintura... — ele sorriu de leve, virando-se para ela
— você acertou exatamente o que eu não sabia que queria.

Ela riu baixo, encostando a mão na cintura:
— Às vezes a gente sente mais do que enxerga.

Ele se aproximou um pouco mais, e por um instante, Juliana sentiu o calor da presença dele, como se cada gesto fosse pesado de significado.

— Você tem confiança, Juliana. E isso é raro. — A voz dele era grave, baixa, quase íntima.

— Confiança não garante que esteja certo — disse ela, tentando desviar o olhar. — Mas pelo menos tento.

Carlos a estudou por um instante, cada linha do rosto, cada gesto.

— Está mais do que certo. — Ele passou a mão pelo tecido do paletó mais uma vez, depois olhou para ela com um leve sorriso. — Tenho que admitir... fiquei desconfiado no começo. Quatro dias apenas para entregar isso... e eu não tinha ideia do seu gosto ou estilo. Achei que seria impossível.

— E eu achei possível — respondeu ela, simples, firme. — Cada ponto, cada linha, cada dobra... tudo pensado para que ficasse assim.

Um silêncio confortável se instalou no ateliê. O som distante da rua, misturado com o leve tic-tac do relógio, parecia marcar cada segundo daquele momento. Juliana sentiu o coração bater mais rápido, consciente de que algo diferente acontecia ali, algo que ia além da alfaiataria ou da perfeição de um terno.

Carlos, ainda de mãos nos bolsos do paletó, desviou o olhar para ela e disse, com um tom quase brincalhão:

— Preciso confessar... estou curioso sobre você, Juliana. Não apenas pelo terno, mas pelo resto.

Ela engoliu em seco, surpresa.

— O resto?

— Seu jeito, sua dedicação... — ele deu um passo mais perto, estudando-a com atenção. — É raro alguém fazer algo com tanta alma.

Juliana desviou o olhar, mas não conseguiu esconder o rubor nas bochechas.

— Eu apenas tento fazer meu trabalho bem feito.

— E está fazendo — disse ele, com um leve sorriso que parecia iluminar o pequeno ateliê. — Mas não posso negar que quero ver mais.

Ela respirou fundo, tentando se manter firme.

— Então... espero que goste dos próximos.

— Pode apostar que vou gostar — respondeu Carlos, e, pela primeira vez, Juliana sentiu que aquele cliente sofisticado e reservado podia se tornar algo mais que apenas um cliente.

O sino da porta tocou novamente quando ele se despediu, mas o ar carregado de tensão, admiração e curiosidade permaneceu ali, pairando entre eles, como se o começo de uma história estivesse prestes a se escrever — ponto por ponto, linha por linha.

Capítulo 3 — Um Mês e Dois Ternos

Havia se passado um mês desde a última visita de Carlos Moretti ao ateliê. Juliana se lembrava bem do dia em que ele viera buscar o terno — o olhar firme, o sorriso discreto e a presença marcante que, por algum motivo, ela não conseguia esquecer.

Não era paixão, nem encantamento. Era algo confuso, incômodo até. Ele a intrigava — e isso a irritava, porque não fazia sentido pensar tanto em alguém que ela mal conhecia.

O ateliê andava movimentado. As encomendas se acumulavam, e Juliana mal tinha tempo para respirar. Carolina, sua melhor amiga e ajudante de longa data, entrava e saía com rolos de tecido nos braços, sempre tagarela e curiosa.

— Ju, me fala que você já superou aquele CEO bonitão — provocou Carolina, apoiando-se na mesa de corte. — Faz um mês e você ainda fica aérea quando tocam nesse nome.

Juliana ergueu os olhos, fingindo uma calma que não sentia.

— Eu não fico aérea. Só acho curioso. Ele é... diferente. Mas não no sentido bom.

— Diferente é o jeito educado de dizer “mexeu comigo e eu não sei explicar”, né? — Carolina riu.

Juliana bufou, tentando disfarçar o riso.

— Carolina, por favor. Ele é um homem cheio de dinheiro, que vive nas colunas de fofoca com mulheres diferentes. E eu tenho mais o que fazer do que pensar em alguém assim.

— Tem mesmo — respondeu a amiga, dando uma piscadela. — Inclusive, parece que tem visita.

O sino da porta tocou, e Juliana virou-se.

Carlos Moretti entrou, impecável como sempre — terno cinza claro, relógio de luxo e aquele ar de confiança que parecia preencher o ambiente. Ao lado dele, um homem um pouco mais descontraído, de sorriso fácil e olhar curioso.

— Boa tarde, Juliana — cumprimentou Carlos, com o mesmo tom calmo e seguro de sempre. — Espero não estar atrapalhando.

— De forma alguma — respondeu ela, tentando manter o profissionalismo. — Fiquem à vontade.

— Este é meu amigo Júlio — disse ele, indicando o companheiro. — Viemos encomendar dois ternos. Um para mim, outro para ele.

Juliana assentiu, pegando a fita métrica.

— Certo. Mas já aviso: estou cheia de pedidos. Vai levar pelo menos um mês para ficar pronto.

— Um mês? — perguntou Júlio, rindo. — Acho que nunca esperei tanto por um terno.

— Então é porque nunca mandou fazer comigo — respondeu Juliana, levantando o queixo com leve ironia. — Prefiro entregar algo perfeito do que apressado.

Carlos sorriu de canto, observando a segurança dela.

— Um mês está ótimo. Confio que vai valer a pena esperar.

Juliana se aproximou para tirar as medidas. O som da fita métrica deslizando sobre o tecido e o leve aroma de perfume caro preencheram o ar. Ela mantinha os olhos concentrados nas anotações, mas sentia o olhar de Carlos sobre si — atento, silencioso, quase estudando cada gesto seu.

— E o senhor também quer algo mais clássico? — perguntou ela, voltando-se para Júlio.

— Sim, mas pode deixar um toque moderno — respondeu ele. — Só não quero ficar parecendo um político.

Carolina, que observava de longe, mal conseguiu disfarçar o sorriso divertido ao notar a tensão no ar. Quando Carlos e Júlio finalmente saíram, ela se aproximou, cruzando os braços.

— Um mês, hein? — provocou. — E você ainda conseguiu manter o olhar firme com aquele homem te encarando daquele jeito?

Juliana respirou fundo, tentando parecer indiferente.

— Ele é só mais um cliente.

— “Só mais um cliente” — repetiu Carolina, zombando. — É, claro. Até parece.

Juliana fingiu não ouvir.

Mas lá no fundo, sabia que Carolina estava certa — Carlos Moretti não era só mais um cliente.

Era o tipo de homem que despertava sentimentos que ela não queria sentir e fazia perguntas que ela mesma não sabia responder.

Capítulo 4 — Tecidos e Silêncios

Duas semanas se passaram desde que Carlos e Júlio haviam encomendado os ternos. O ateliê de Juliana estava mais cheio do que nunca, as araras pesadas de roupas prontas e tecidos coloridos se misturando ao som constante da máquina de costura. O trabalho a consumia — e era exatamente assim que ela queria. Ocupar-se era a melhor forma de não pensar nele.

Mas, claro, o destino tinha outros planos.

Naquela tarde abafada, enquanto Carolina organizava os moldes em cima da mesa, o sino da porta soou. Juliana levantou o olhar e sentiu o estômago revirar.

Carlos Moretti.

Ele entrou com passos firmes, vestindo uma camisa branca de algodão e calça social preta. As mangas arregaçadas até o antebraço revelavam a pele bronzeada e o relógio caro no pulso. O cabelo loiro estava ligeiramente bagunçado, o que o deixava com um ar menos formal, quase... humano.

— Boa tarde — disse ele, com aquele tom de voz baixo e firme que sempre parecia preencher o espaço.

Juliana demorou um segundo para responder. — Boa tarde, senhor Moretti.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Carlos. Já disse que pode me chamar de Carlos.

Carolina, que dobrava tecidos do outro lado da sala, mordeu o lábio para conter o riso. Juliana a ignorou e cruzou os braços.

— Certo... Carlos. O que o traz aqui antes do prazo?

— Vim ver os tecidos — respondeu ele, com um sorriso discreto. — Júlio e eu temos uma reunião importante na próxima semana, e achei que poderíamos antecipar alguma coisa.

Juliana suspirou, pegando as amostras.

— Tenho várias opções. Mas adianto que os ternos ainda estão em processo. Não gosto de apressar o que precisa de tempo.

— Imagino — disse ele, aproximando-se da bancada. Seus dedos tocaram o tecido de linho cinza-claro, depois o azul-marinho. — Você tem bom gosto.

Ela o observava de soslaio, tentando decifrar se o elogio era profissional ou algo mais.

— É o meu trabalho.

— E você é excelente nele — completou ele, fitando-a diretamente.

Juliana desviou o olhar, fingindo estar interessada em outra amostra. O calor subiu-lhe ao rosto.

— Se continuar elogiando, vai me distrair.

— Esse é o objetivo? — ele disse, com um sorriso quase imperceptível.

Antes que ela pudesse responder, a porta se abriu novamente. Júlio entrou, sorridente, segurando o celular.

— Ah, então era aqui que você estava, Carlos. Sabia que não resistiria em voltar.

— Vim apenas conferir os tecidos — respondeu o amigo, com um olhar que desmentia a simplicidade da frase.

Carolina se aproximou, cumprimentando Júlio com simpatia.

— Vocês são os famosos “dois ternos” que tomaram a agenda da minha amiga.

— Culpados — brincou Júlio. — Mas prometo que vai valer a pena a espera.

Carlos olhou para Juliana novamente, o olhar firme e analítico.

— Vai sim.

O ambiente se encheu de um silêncio leve, mas carregado. Carolina e Júlio trocaram um olhar rápido — eles não precisavam dizer nada. Era evidente o que estava acontecendo ali.

Depois de alguns minutos de conversa sobre cortes, tecidos e prazos, Carlos e Júlio se despediram. Mas antes de sair, ele parou na porta e disse:

— Juliana... quando os ternos ficarem prontos, quero que me avise pessoalmente.

— Claro, senhor Mo— quer dizer, Carlos — respondeu ela, disfarçando um pequeno sorriso.

Quando a porta se fechou, Carolina soltou o ar que estava prendendo e olhou para a amiga com um sorrisinho provocador.

— “Quero que me avise pessoalmente”? Ju, isso não é coisa que cliente fala. Isso é flerte.

— É formalidade — retrucou Juliana, pegando as fitas métricas e tentando parecer indiferente.

— Claro. E eu sou a rainha da Inglaterra — disse Carolina, rindo.

Juliana não respondeu. Olhou pela janela, onde o carro preto de Carlos Moretti desaparecia na esquina, e tentou se convencer de que não sentia nada.

Mas o coração batendo acelerado dizia o contrário.

Capítulo 5 — O Silêncio de Moretti

O relógio marcava seis e meia da manhã quando Carlos Moretti desceu do carro na frente do prédio espelhado da Moretti Group.

O segurança o cumprimentou com respeito, os funcionários desviaram o olhar ao vê-lo passar — o CEO, o homem das decisões frias, o nome por trás de contratos milionários e manchetes em jornais.

Camisa branca impecável, terno sob medida, olhar determinado. Por fora, tudo nele exalava controle.

Mas por dentro, havia algo fora do lugar.

Nos últimos dias, o nome de Juliana aparecia em sua mente em momentos aleatórios: no meio de uma reunião, enquanto assinava documentos, até quando ouvia o barulho da tesoura cortando tecido — um som que ele passou a associar a ela.

Ele tentava ignorar.

Mas falhava.

— Está me ouvindo, Carlos? — perguntou Júlio, sentando-se à sua frente na sala de reuniões.

Carlos piscou, voltando ao presente. — Sim. Desculpe.

— Desculpe? Você acabou de concordar em revisar toda a campanha de marketing do próximo trimestre sozinho — disse Júlio, rindo. — Está tudo bem com você?

Carlos apoiou os cotovelos sobre a mesa, os dedos entrelaçados. — Só estou cansado.

— Cansado... ou distraído? — Júlio arqueou a sobrancelha. — Isso tem nome, meu caro. Chama-se “pensando em alguém”.

— Não comece, Júlio.

— Eu não preciso começar — disse ele, divertido. — Vi o jeito que olhava pra aquela estilista.

Carlos o encarou com aquele olhar sério que intimidava a maioria das pessoas. Júlio apenas riu.

— É sério, Carlos. Você já teve dezenas de mulheres, mas nenhuma fez você se perder no meio de uma reunião. Essa Juliana é diferente, não é?

Carlos respirou fundo, recostando-se na cadeira. — Ela é... autêntica. Não tenta agradar ninguém. Não se impressiona com dinheiro, nem com sobrenome.

— E é exatamente por isso que você está ferrado — brincou o amigo. — As únicas que mexem com você são as que não querem nada de você.

Carlos não respondeu. Olhou para a janela panorâmica, de onde se via a cidade fervendo lá fora. O sucesso, o poder, os eventos... tudo parecia tão vazio.

Nos últimos anos, sua vida se resumia a contratos, jantares e manchetes de revista ao lado de mulheres que não lembravam nem o que ele dizia.

Mas Juliana... ela era diferente. Quando o olhava, ele não se sentia o “Moretti”, o empresário inalcançável — sentia-se apenas um homem.

Mais tarde, no escritório, sua assistente entrou com uma pilha de relatórios.

— Senhor Moretti, o senhor tem entrevista às dez, almoço com os investidores às treze e a coletiva às dezessete.

Ele assentiu, automático. — Cancele o almoço.

— Cancele? Mas o senhor...

— Diga que surgiu um imprevisto.

A assistente saiu, confusa. Carlos pegou o celular, abriu a agenda e viu a data marcada para a entrega dos ternos. Faltavam duas semanas.

Um sorriso discreto surgiu nos lábios dele.

Naquela noite, deitado na cama do apartamento de cobertura, cercado por luxo e silêncio, Carlos tentou dormir.

Mas sua mente insistia em voltar àquela mulher de olhar verde e voz firme, com o cabelo ruivo caíndo pelos ombros, segurando uma fita métrica com mais confiança do que muitas pessoas seguravam o próprio destino.

“Juliana...”, murmurou, quase sem perceber.

O nome soou diferente no escuro — quase como uma promessa.

E foi assim, sem admitir pra ninguém — nem pra si mesmo —, que Carlos Moretti começou a se apaixonar pela mulher que menos parecia pertencer ao seu mundo.

Capítulo 6 — Quatro Dias

A semana começou como todas as outras para Carlos Moretti — ou, pelo menos, deveria ter começado.

O despertador tocou às seis em ponto, o café já estava pronto na bancada de mármore, e a equipe de segurança o esperava na garagem com o carro ligado. Tudo seguia o mesmo roteiro de sempre.

Mas, por algum motivo, nada parecia igual.

A cada manhã, o espelho refletia o mesmo homem — cabelo loiro penteado com perfeição, terno sob medida, gravata impecável — mas ele se sentia diferente.

O olhar, antes frio e calculista, agora parecia carregar algo que ele não sabia explicar.

No caminho para a sede da Moretti Group, ele olhava pela janela e se perguntava, pela centésima vez, o que exatamente o intrigava tanto em Juliana.

Não era apenas a beleza — embora fosse impossível ignorá-la.

Era o jeito dela olhar direto nos olhos sem se intimidar, de falar o que pensa sem medir as palavras.

Ela era o oposto de tudo o que ele estava acostumado: honesta, simples e impossível de comprar.

— Está tudo bem, chefe? — perguntou o motorista, ao notar o silêncio prolongado.

— Sim. — Carlos respondeu, mas a voz saiu distante.

Quando chegou ao escritório, sua assistente, Camila, já o esperava com uma pilha de documentos.

— Senhor Moretti, o senhor tem reunião com os acionistas às nove, conferência com os diretores às onze, e o jantar com o ministro às vinte horas.

— Cancele o jantar — disse ele, sem levantar o olhar dos papéis.

— Cancele? — Camila piscou, surpresa. — Mas esse jantar foi marcado há semanas.

— Então remarque — respondeu ele simplesmente. — Não tenho disposição para falsos sorrisos hoje.

Camila assentiu, sem entender, e saiu.

Poucos minutos depois, Júlio entrou na sala com dois cafés e um sorriso preguiçoso.

— Parece que alguém accordou de mau humor.

— Só cansado — murmurou Carlos, bebendo o café.

— “Cansado”... — Júlio o olhou com desconfiança. — Ou pensando na estilista de cabelos ruivos?

Carlos levantou os olhos, irritado. — Você fala demais, Júlio.

— Eu observo demais — corrigiu o amigo, rindo. — Faltam quatro dias pra você buscar os ternos, e você está contando as horas. Quer que eu finja que não percebo?

— Estou apenas curioso com o resultado — respondeu ele, tentando soar natural.

— Claro. Curioso com o resultado — repetiu Júlio, sarcástico. — E curioso com os olhos dela, o sorriso dela, o jeito que ela te ignora com educação.

Carlos largou o copo de café na mesa, suspirando. — Você terminou?

— Ainda não — disse Júlio, levantando-se. — Só quero deixar registrado que, pela primeira vez em anos, você está interessado em algo que não pode controlar.

Quando o amigo saiu, o silêncio tomou conta da sala. Carlos ficou olhando a cidade pela janela panorâmica — prédios, carros, pessoas correndo. Tudo passava rápido demais.

Ele sempre teve tudo ao alcance das mãos: dinheiro, poder, influência. Mas com Juliana... não.

Ela não o procurava, não o bajulava, não parecia se importar com quem ele era. E isso o deixava louco de curiosidade e admiração ao mesmo tempo.

Mais tarde, à noite, de volta ao apartamento, ele tirou o terno e ficou apenas de camisa, andando pelo quarto iluminado pelas luzes da cidade.

O silêncio o incomodava.

Abriu o celular.

Passou pelos contatos.

Parou por um instante, como se procurasse um nome que nem estava ali.

Pensou em enviar uma mensagem, inventar uma desculpa para falar com ela — mas desistiu.

Fechou o aparelho e encostou-se na janela.

Lá fora, a cidade pulsava.

Dentro dele, um sentimento crescia em silêncio.

E pela primeira vez em muito tempo, Carlos Moretti não sabia o que fazer com o próprio coração.

Capítulo 7 — O Encontro dos Ternos

O sino do ateliê tocou e Juliana ergueu o olhar das costuras.

Carlos Moretti entrou, impecável como sempre, mas vestindo roupas casuais — camisa branca de algodão e calça social preta. Ao seu lado, Júlio sorria descontraído, com uma camisa azul clara e calça cinza.

— Boa tarde, Juliana — cumprimentou Carlos, com aquele tom grave e confiante que sempre a deixava ligeiramente nervosa.

— Boa tarde, Carlos — respondeu ela, tentando manter o profissionalismo. — Os ternos estão prontos.

Juliana conduziu-os até o provador. Carlos tirou as roupas casuais e vestiu o terno cinza claro que ela havia feito, ajustando a gravata enquanto olhava para o espelho.

— Está perfeito — disse ele, girando lentamente. — O caiamento, os detalhes... você superou minhas expectativas.

Juliana sentiu o calor subir-lhe às bochechas, mas manteve a postura.

— Fico feliz que tenha gostado.

Enquanto isso, Júlio experimentava o seu terno azul-marinho, sorrindo baixinho ao se ver no espelho.

— Ela realmente sabe o que faz — comentou, admirando o corte impecável.

Carlos se aproximou de Juliana, tão perto que ela sentiu o perfume dele.

— Posso ser sincero? — perguntou ele, baixo, quase íntimo.

Ela assentiu, curiosa.

— Eu estava ansioso para ver esses ternos — disse ele, desviando o olhar rapidamente para o espelho. — Mas... não conseguia parar de pensar em você durante todo esse mês.

Juliana engoliu em seco, sem saber o que dizer.

— Carlos... — começou, mas ele continuou antes que pudesse terminar.

— Eu sei que estamos nos conhecendo apenas. Mas... gostaria de te convidar para jantar. Amanhã à noite. Só nós dois.

Ela ficou em silêncio por um instante, surpresa. O coração acelerou.

— Eu... aceito — disse, finalmente, com um pequeno sorriso, controlando a animação que sentia.

Carlos sorriu de canto, satisfeito.

— Ótimo. Amanhã, então. Vou buscá-la às oito.

Ele deu um leve aceno para Júlio e se dirigiu à saída, deixando Juliana parada, sentindo o calor da antecipação subir pelo corpo.

— Ju... — Carolina, que estava escondida na porta do ateliê, surgiu com um sorriso maroto. — Você aceitou!

— Não é nada demais — disse Juliana, tentando parecer indiferente. Mas, por dentro, já sentia borboletas dançando no estômago.

Quando o sino tocou novamente, anunciando a saída de Carlos, ela sabia que esse jantar seria apenas o começo de algo que nem ela, nem ele, poderiam prever.

Capítulo 8 — Primeiro Jantar

Juliana olhou para o espelho do ateliê, ajustando os últimos fios de cabelo.

O vestido era uma criação própria, elegante e sofisticada, mas sem perder a simplicidade que combinava com ela: tom vinho profundo, corte alongado que caía suavemente sobre os ombros, decote discreto em V e detalhes sutis em renda na

cintura. O tecido acariciava sua pele, e cada movimento fazia com que ela se sentisse confiante e bonita.

A maquiagem também tinha sido feita por ela mesma, com cuidado. Um tom suave de sombra dourada nos olhos verdes, delineador discreto, cílios levemente alongados, blush pêssego e um batom vermelho escuro que destacava seus lábios sem exagero. O cabelo ruivo, longo e ondulado, estava arrumado em ondas suaves, caindo naturalmente pelas costas.

Carolina entrou na sala, sorrindo ao ver a amiga pronta.

— Uau, Ju... você está maravilhosa! — disse, admirando cada detalhe. — Esse vestido... você mesma fez?

— Sim — respondeu Juliana, girando levemente para mostrar a silhueta. — E consegui terminar a maquiagem sozinha.

— Parece uma estrela de cinema — Carolina comentou, rindo. — Só não se apaixone à primeira vista, hein.

Juliana sorriu, nervosa e animada ao mesmo tempo.

— Vamos ver se o jantar corre bem.

Carlos chegou pontualmente às oito da noite, vestindo o terno cinza claro que Juliana havia feito, camisa branca e gravata preta. Ao ver Juliana no vestido, seu olhar ficou imediatamente fixo nela. Por um instante, o mundo pareceu silenciar.

— Você está... deslumbrante — disse ele, aproximando-se com um sorriso contido. — Esse vestido... é incrível.

Juliana sentiu o coração disparar.

— Obrigada, Carlos. — Ela desviou o olhar por um segundo, mas logo encontrou o dele novamente. — E o terno está perfeito.

— Obrigado — respondeu ele, passando uma mão pelo paletó, com aquele gesto que já se tornava característico de cuidado e atenção.

O restaurante ficava em um andar alto, com paredes de vidro que ofereciam vista panorâmica da cidade iluminada, luzes suaves e mesas elegantemente decoradas com toalhas brancas, velas acesas e arranjos de flores discretos.

O ambiente era sofisticado, porém acolhedor, e o murmúrio baixo das conversas e o tilintar discreto dos talheres criavam uma atmosfera íntima.

Sentaram-se em uma mesa próxima à janela, onde podiam observar as luzes da cidade refletindo na noite. O garçom trouxe os menus, mas Carlos parecia pouco interessado nas opções.

— Não sei se consigo me concentrar na comida — disse ele, olhando Juliana de soslaio. — Estou mais interessado em conversar com você.

— É melhor então que aproveite — respondeu ela, com um leve sorriso, tentando disfarçar a ansiedade.

Eles falaram sobre coisas simples no começo: música, viagens, hobbies. Mas aos poucos, a conversa se tornou mais pessoal. Juliana contou algumas histórias da infância, a vida antes de abrir a loja, enquanto Carlos compartilhou episódios de sua rotina de CEO, sem esconder o lado humano que quase ninguém conhecia.

A cada risada, cada olhar trocado, a tensão crescia. Não era apenas atração física; era curiosidade, admiração e algo que nenhum deles sabia nomear ainda.

Quando o jantar chegou ao fim, Carlos se inclinou levemente sobre a mesa, olhando Juliana com intensidade.

— Eu gostaria de continuar essa noite — disse ele, baixo, quase um sussurro. — Que tal irmos tomar um café em outro lugar, ou apenas dar uma volta?

Juliana sorriu, surpresa, mas sentiu uma pontada de emoção.

— Aceito — respondeu, firme, mas com o coração batendo mais rápido.

Eles se levantaram, e ao sair do restaurante, a cidade parecia ainda mais iluminada, como se estivesse celebrando aquele momento que ambos sabiam que marcaria o início de algo especial.

Capítulo 9 — A Caminhada Depois do Jantar

Saindo do restaurante, Carlos segurou delicadamente a mão de Juliana.

A noite estava amena, com as luzes da cidade refletindo nas vitrines e nas ruas molhadas pela recente garoa. O ar tinha aquele cheiro suave de chuva e concreto, que misturava frescor e calma.

— Está gostando da caminhada? — perguntou Carlos, olhando para ela com um sorriso contido.

— Sim — respondeu Juliana, tentando disfarçar a ansiedade que sentia. — É agradável, diferente.

Eles caminharam lado a lado, conversando sobre pequenos detalhes do dia a dia, filmes que gostavam e músicas que ouviam. A cada risada, o toque das mãos se tornava mais natural, mais íntimo, e a tensão entre eles crescia de maneira quase elétrica.

Em certo momento, pararam diante de uma pequena praça iluminada por postes de luz amarelada. Carlos a olhou nos olhos, aproximando-se lentamente.

— Juliana... — murmurou, quase sem fôlego. — Posso?

Ela assentiu levemente, e seus lábios se encontraram em um beijo suave, terno e cheio de significado. O primeiro de muitos naquela noite.

Depois de alguns minutos, eles se afastaram apenas o suficiente para respirar, mas os beijos continuaram — rápidos, curtos, cheios de química. Nenhum deles queria ir além, apenas explorar a conexão que crescia a cada toque.

No entanto, a noite não passava despercebida. De uma esquina próxima, um paparazzi captava cada gesto, cada sorriso e cada beijo, registrando imagens que, em poucos segundos, poderiam se espalhar por jornais e redes sociais.

Carlos percebeu o flash e segurou a mão de Juliana, protegendo-a, mas sem quebrar o clima do momento.

— Vamos caminhar mais rápido — disse ele, sorrindo de canto, tentando manter a intimidade sem chamar atenção.

Juliana concordou, mas não podia evitar sentir o coração acelerado. Aquela noite, com os beijos, o toque das mãos e o ar frio da cidade misturado ao perfume dele, ficaria marcada para sempre.

Capítulo 10 — Olhares e Fofocas

Na manhã seguinte, Juliana entrou no ateliê e percebeu que algo estava diferente. Carolina, como sempre, já estava organizando tecidos, mas havia um brilho curioso nos olhos dela.

— Ju... você não vai acreditar — começou Carolina, segurando o celular como se fosse uma relíquia. — Olha isso!

Juliana olhou para a tela e não conseguiu evitar prender a respiração. Havia fotos dela e de Carlos saindo do restaurante, caminhando pela praça, mãos dadas, e trocando beijos discretos, mas visíveis.

— Meu Deus... — murmurou Juliana, surpresa e um pouco irritada. — Um paparazzi nos flagrou?

— Sim! E você sabe como o mundo adora essas fotos. — Carolina suspirou, mas não parecia totalmente desapontada. — Vai virar fofoca nas redes em minutos.

Juliana se recostou na cadeira, tentando manter a calma.

— Precisamos ser discretos daqui pra frente. Não quero que isso se transforme em problema.

Enquanto isso, do outro lado da cidade, Carlos Moretti lia as manchetes no seu iPad. Fotos suas com Juliana estampavam sites de notícias e redes sociais. A expressão dele estava séria, mas havia um leve sorriso nos cantos da boca.

— Júlio — chamou Carlos, ao telefone. — parece que alguém captou minha saída ontem à noite... com Juliana.

— E daí? — respondeu o amigo, rindo. — O que tem de errado? Pelo contrário, vocês parecem incríveis juntos.

Carlos franziu levemente a testa, mas não estava realmente irritado.

— Eu sei, mas precisamos ter cuidado. Ela ainda é conhecida no círculo de clientes do ateliê, e não quero que as pessoas pensem que estou tentando... apressar as coisas.

— Entendi. Mas é bom ver você feliz — disse Júlio, percebendo algo que Carlos ainda não queria admitir totalmente: ele estava realmente encantado por Juliana.

No ateliê, Juliana respiro fundo, olhando as fotos no celular. Aquele momento com Carlos tinha sido mágico, mas agora havia uma nova camada de complicações: o mundo podia ver o que eles ainda estavam construindo lentamente, com cuidado.

— Bem... — disse Carolina, com um sorriso maroto. — Agora o jogo começou.

Juliana suspirou, mas não pôde evitar sorrir também.

Enquanto os dois lidavam com o efeito das fotos, cada um em seu mundo, era impossível negar: a atração e a conexão entre eles só cresciam.

Capítulo 11 — Conversa Séria

Era fim de tarde quando Carlos entrou no ateliê. Ele não precisava bater na porta; Juliana já o esperava, com os braços cruzados e uma expressão que misturava curiosidade e preocupação.

— Carlos... — começou ela, hesitante — as fotos... você viu?

Ele assentiu, fechando a porta atrás de si e aproximando-se lentamente.

— Sim, vi. E quero que saiba que... não me importo com o que as pessoas pensam.

Juliana franziu levemente a testa.

— Eu me importo. Ainda estou construindo minha imagem, meu negócio... não posso simplesmente ignorar os olhares e fofocas.

Carlos sorriu suavemente, tentando acalmar a tensão.

— Eu sei. E não quero que você tenha que se preocupar por minha causa. Só quero que saiba que estou aqui, e que nada disso muda o que sinto por você.

Ela respirou fundo, olhando-o nos olhos. O coração batia acelerado, misturando ansiedade e alívio.

— Eu... também gosto de você, Carlos. Mas preciso ter certeza de que podemos lidar com tudo isso sem me prejudicar.

Ele deu um passo à frente, a presença imponente e ao mesmo tempo protetora.

— Podemos. Juntos. Eu sei que você é forte, inteligente e incrível no que faz. Não vou te colocar em uma situação desconfortável. Só quero estar ao seu lado.

Juliana sentiu uma onda de calor percorrer o corpo, mas manteve a postura firme.

— Está bem... vamos tentar. Mas devagar. Com calma.

Carlos sorriu de canto, como se aquele simples acordo fosse suficiente para iluminar seu dia inteiro.

— Devagar. Com calma. — repetiu, como uma promessa.

Eles se aproximaram, e um beijo rápido e delicado selou aquela conversa, uma mistura de confiança, afeto e vontade contida. Nenhum deles queria apressar nada, mas aquele momento foi suficiente para fortalecer a ligação que estava crescendo entre eles.

Juliana sorriu, finalmente se permitindo relaxar um pouco.

— Então... vamos lidar com o mundo lá fora juntos.

— Exatamente — respondeu Carlos, segurando sua mão com firmeza. — Juntos.

Naquele instante, os dois sabiam que, apesar das fofocas, paparazzi e olhares curiosos, o que importava era o que existia entre eles. E aquilo, nenhum jornal ou rede social poderia tirar.

Capítulo 12 — Luzes, Música e Ciúmes

A noite estava quente, e as ruas da cidade fervilhavam com pessoas se dirigindo aos bares e baladas.

Juliana ajustava o vestido preto curto que ela mesma fez, com detalhes em renda delicada nos ombros. O cabelo ruivo estava solto em ondas leves, maquiagem impecável destacando os olhos verdes e batom vermelho suave nos lábios.

Carolina estava ao lado dela, rindo, com um vestido azul cintilante que contrastava com o cabelo castanho liso. Júlio, de blazer azul-marinho e calça social, e Carlos, em camisa preta e calça escura, completavam o grupo.

— Hoje a noite vai ser divertida — disse Carolina, animada. — Nada de trabalho, apenas música e diversão!

— Concordo — disse Juliana, sorrindo, embora sentisse um nervosismo leve por estar com Carlos.

Chegando à balada, o som pulsante da música eletrônica os envolveu imediatamente. Luzes coloridas piscavam sobre o público dançante, criando uma atmosfera vibrante e intensa. O grupo se acomodou em um lounge com vista para a pista de dança.

Juliana e Carlos se sentaram próximos, trocando olhares discretos, mas logo notaram que Júlio e Carolina estavam mais próximos do que o habitual.

— Vocês dois estão diferentes hoje — comentou Juliana, com um sorriso curioso.

— Só nos divertindo — respondeu Júlio, sorrindo para Carolina, que retribuiu com um olhar travesso. O clima entre eles estava inegável, sutil, mas perceptível.

Enquanto isso, Carlos não conseguia tirar os olhos de Juliana. Ela parecia iluminada pelas luzes da balada, rindo e interagindo com a energia do lugar. Mas então, um rapaz se aproximou, elegante e charmoso, tentando puxar conversa com ela.

— Oi, posso me juntar a você? — perguntou ele, com um sorriso confiante.

Juliana sorriu educadamente, mas respondeu firme:

— Eu estou bem acompanhada, obrigada.

Carlos sentiu o ciúme subir, embora tentasse disfarçar. Ele se inclinou para mais perto dela e disse em tom baixo, quase possessivo:

— Acho que você não precisa de ninguém para atrapalhar nossa noite.

Juliana corou levemente, mas sorriu para ele, percebendo o cuidado e a intensidade em seus olhos.

— Eu sei... — disse, tentando tranquilizá-lo, mas sentindo a proximidade que fazia o coração bater mais rápido.

Enquanto isso, Júlio e Carolina continuavam dançando e trocando olhares, a química entre eles evidente, o que não passou despercebido por Carlos, que, por alguns segundos, sentiu uma pontada de ciúmes misturada à diversão de ver seus amigos animados.

A noite seguiu com música, risadas e alguns beijos rápidos entre Juliana e Carlos, sem pressa, mas com a tensão de quem não consegue se desgrudar nem por um instante. Entre flashes de luz e batidas da música, todos sentiam que aquela noite marcaria um ponto de virada nas relações, com ciúmes, olhares intensos e sentimentos começando a se revelar.

Capítulo 13 — Noite de Confissões e Aproximação

A música ainda pulsava alto na balada, e luzes coloridas refletiam pelas paredes e pelo teto, criando um ambiente vibrante e cheio de energia.

Juliana, Carlos, Júlio e Carolina estavam no lounge, rindo e conversando, aproveitando a noite. Júlio e Carolina estavam cada vez mais próximos, trocando olhares e risadas, a química entre eles evidente.

Juliana levantou-se para buscar uma bebida, caminhando com confiança pelo bar. Um rapaz elegante se aproximou com um sorriso confiante:

— Oi, posso conversar um pouco com você? — perguntou, tentando puxar assunto.

Juliana sorriu educadamente, mantendo a postura calma e natural:

— Claro, mas só um minuto, estou com amigos — respondeu, conversando normalmente, sem dar abertura especial.

Carlos, que observava de longe, percebeu a situação e sentiu uma pontada de ciúmes. Não era por Juliana estar interessada — ele sabia que ela não demonstrava — mas pela simples presença de outro homem próximo a ela. Ele se aproximou discretamente, tocando levemente seu braço:

— Juliana, posso te acompanhar?

Ela olhou para ele com um sorriso tranquilo e respondeu:

— Sim, obrigada.

O rapaz percebeu a aproximação de Carlos e se afastou, murmurando algo enquanto Juliana voltava para o grupo com ele ao lado, como se nada tivesse acontecido.

Enquanto isso, Júlio e Carolina continuavam dançando e trocando gestos sutis, sorrisos e olhares cumplices, deixando claro que algo estava surgindo entre eles.

De volta ao lounge, Carlos segurou a mão de Juliana discretamente:

— Tudo bem agora? — perguntou, baixo, com a voz carregada de cuidado.

— Sim... tudo bem — respondeu ela, apertando sua mão suavemente, sentindo-se segura ao lado dele.

Mais tarde, ao final da noite, Carlos olhou para Juliana e disse:

— Quer ir comigo?

Ela sorriu, animada e nervosa ao mesmo tempo:

— Sim.

Eles saíram da balada, a cidade iluminada refletindo nas ruas molhadas pela garoa recente. Durante o trajeto até o apartamento de Carlos, conversaram e riram, mantendo a intimidade crescente.

Quando chegaram, Carlos abriu a porta para ela:

— Bem-vinda — disse, sorrindo de canto.

Capítulo 14 — Noite de Entrega

Quando a porta do apartamento se fechou atrás deles, o silêncio preencheu o espaço, diferente da energia pulsante da balada. Apenas a cidade iluminada lá fora, refletindo pelas janelas, testemunhava aquele momento íntimo.

Juliana respirou fundo, o corpo ainda aquecido pelo passeio, pelos olhares e pelos beijos que haviam trocado na saída da balada. Carlos a observava atentamente, como se cada detalhe dela fosse gravado em sua memória.

— Você está linda — disse ele, com a voz baixa, carregada de desejo contido.

Ela sorriu, sentindo o coração acelerar.

— E você... está impossível — respondeu, aproximando-se, tentando controlar o nervosismo.

Eles se encararam por um momento, apenas respirando juntos, deixando que a tensão que vinha crescendo durante semanas finalmente se tornasse palpável. Carlos segurou seu rosto entre as mãos, acariciando suavemente as bochechas de Juliana, enquanto ela fechava os olhos, sentindo-se segura e desejada.

— Eu não consigo mais... — murmurou ele, aproximando os lábios dos dela.

O beijo que se seguiu foi profundo, intenso e cheio de expectativa, como se cada momento passado juntos tivesse acumulado aquela explosão de sentimentos. Juliana respondeu com a mesma intensidade, envolvendo Carlos com os braços e sentindo cada toque, cada gesto, cada suspiro.

Eles se moveram pelo apartamento lentamente, quase como se o tempo tivesse parado. Cada toque, cada olhada, carregava desejo, carinho e a certeza de que aquilo era inevitável.

No sofá, entre beijos e sorrisos tímidos, Carlos a segurou firme, aproximando-a de si. Juliana se apoiou nele, sentindo o calor do corpo dele e o ritmo acelerado de seus batimentos combinando com os dela. A intensidade dos olhares, o toque das mãos e o cheiro do perfume um do outro transformaram o ambiente em um espaço só deles.

Mesmo sem pressa, cada gesto, cada suspiro, cada roçar de mãos criava uma proximidade que ia além do físico — era entrega, confiança e desejo acumulado de semanas se encontrando naquele momento.

Horas passaram sem que precisassem de palavras; apenas a troca de olhares, toques e carícias falava por eles. No silêncio aconchegante do apartamento, iluminado apenas pela luz suave da cidade, Juliana e Carlos se permitiram finalmente ceder à atração que vinha crescendo, descobrindo um ao outro de forma intensa e íntima, construindo memórias que nenhum flash, balada ou fofoca poderia apagar.

Quando finalmente se separaram para respirar, ainda entrelaçados no sofá, Juliana sorriu, descansando a cabeça no peito de Carlos.

— Acho que não aguentávamos mais — disse, com um riso suave.

Ele a apertou contra si, rindo baixinho.

— Não mesmo. Mas agora... tudo está certo — respondeu, beijando a testa dela com ternura.

A noite se desenrolou lentamente, sem pressa, com conversas baixas, risadas contidas e olhares que mostravam que a conexão deles finalmente havia se tornado algo real, intenso e inesquecível.

Capítulo 15 — O Amanhecer Depois

O sol entrava devagar pelas cortinas do apartamento, riscando de dourado o quarto elegante de Carlos. O silêncio era suave, interrompido apenas pelo som distante da cidade despertando.

Juliana abriu os olhos lentamente. Por um instante, não se lembrou de onde estava — até sentir o braço dele em volta da sua cintura. O toque quente, firme, a fez lembrar de tudo. Da noite, dos beijos, da entrega.

Carlos ainda dormia. O rosto dele, geralmente sério e concentrado, agora parecia mais tranquilo. O cabelo loiro bagunçado caía levemente sobre a testa, e o peito subia e descia em um ritmo calmo. Juliana ficou alguns segundos apenas observando, tentando entender o que sentia.

Era estranho... ela não se arrependia.
Mas também não sabia o que aquilo significava.

Levantou-se devagar, pegou a camisa social dele que estava jogada na poltrona e a vestiu. O tecido era grande demais para ela, mas tinha o cheiro dele — um misto de perfume caro e algo mais íntimo, que fez seu coração bater mais rápido.

Quando chegou à cozinha, começou a preparar um café. A vista dali era linda — prédios altos, janelas brilhando com a luz da manhã, e uma cidade que nunca parava. Juliana se apoiou no balcão, respirando fundo, tentando organizar os pensamentos.

Pouco depois, ouviu passos atrás de si.
Carlos apareceu na porta, com uma calça de moletom cinza e o cabelo ainda mais bagunçado.
— Bom dia — disse ele, com um sorriso preguiçoso.

Juliana desviou o olhar, tentando esconder o rubor que subiu às bochechas.
— Bom dia. Fiz café.

— Hm... — ele se aproximou, pegando uma xícara. — Você fica linda com a minha camisa.

Ela riu, sem graça. — É o que tinha à mão.

— Espero que tenha mais vezes.

O comentário fez o ar ficar denso por um instante. Juliana abaixou a cabeça, mexendo o café distraída.

— Carlos... o que aconteceu ontem...

Ele a interrompeu, encostando-se ao balcão ao lado dela.
— Foi o que tinha que acontecer. Eu quis. E você também quis.

— Eu sei — disse ela, mais baixo. — Mas não quero que pense que isso muda quem eu sou.

Carlos arqueou uma sobrancelha, observando-a com um olhar sério, mas terno.

— Juliana, você é uma mulher incrível. Eu nunca pensei o contrário.

Os olhos dela encontraram os dele, e por um segundo parecia que o tempo parava de novo.

Ele se aproximou, passou a mão pelo rosto dela e sussurrou:

— Eu só quero te ver de novo.

Juliana ficou em silêncio, sentindo o peso das palavras. Uma parte dela queria dizer sim. Outra, ainda lembrava das decepções da vida, do medo de se entregar a alguém como ele — o homem que parecia ter o mundo nas mãos, mas escondia uma solidão atrás dos olhos azuis.

Ela apenas sorriu, pegou a bolsa que estava no sofá e disse:

— A gente se fala, Carlos.

Ele a observou até ela fechar a porta. E, quando o som dos saltos dela ecoou no corredor, ele percebeu que estava sorrindo sozinho — um sorriso que há muito tempo não dava.

Juliana, no elevador, encostou a cabeça na parede e suspirou.

Capítulo 16 — Um Dia Qualquer (Ou Quase)

O relógio marcava onze da manhã quando Juliana ouviu o som de passos firmes se aproximando do ateliê. Ela olhou pela janela de vidro e, para sua surpresa, viu Carlos Moretti encostando seu carro importado na calçada.

Ele desceu do veículo vestindo uma camisa branca dobrada nos braços, calça escura e óculos escuros que realçavam o olhar. Assim que entrou, o perfume dele preencheu o ambiente, misturado ao cheiro de tecido novo e café fresco.

— Espero não estar atrapalhando — disse ele, tirando os óculos e lançando um sorriso confiante.

Juliana ergueu as sobrancelhas, surpresa. — Carlos? O que você está fazendo aqui?

— Resolvi fazer uma visita. — Ele deu um passo à frente, observando os manequins alinhados e os croquis espalhados sobre a mesa. — Queria ver onde a mágica acontece.

Ela cruzou os braços, tentando esconder o sorriso. — Aqui não tem mágica, só muito trabalho.

— Então trabalho bonito demais pra não ser chamado de mágica — respondeu ele, olhando diretamente pra ela.

Juliana sentiu o rosto aquecer, desviando o olhar. — E você? Não devia estar em reunião ou... em alguma festa de gente importante?

Carlos deu uma risada baixa. — Tirei o dia de folga. Achei que seria mais interessante passar o dia com você.

Ela balançou a cabeça, sem acreditar. — Você é impossível.

— Eu prefiro “persistente”.

Sem insistir mais, ela voltou à mesa, fingindo se concentrar nos tecidos. Mas Carlos se aproximou, observando cada detalhe com curiosidade.

— Então é aqui que você cria tudo? — perguntou ele.

— É, aqui eu passo mais tempo do que em casa — respondeu. — Gosto do silêncio, me ajuda a pensar.

Carlos a olhou por alguns segundos, admirando a calma dela. Diferente do seu mundo cheio de flashes e vozes, Juliana parecia viver num universo próprio, feito de linhas, cores e paciência.

— Gosto daqui — disse ele, sinceramente. — Parece... real.

Juliana sorriu. — E o seu mundo, não é?

Ele hesitou, apoiando-se na bancada. — Nem sempre. Às vezes é só aparência.

O olhar dela suavizou. Por um momento, o silêncio entre os dois disse mais do que qualquer palavra.

Carlos respirou fundo e mudou de assunto:

— Já almoçou?

— Ainda não.

— Ótimo. — Ele pegou o celular. — Vou pedir algo pra nós.

Juliana tentou protestar, mas ele já estava escolhendo o restaurante. Pouco depois, estavam sentados lado a lado, comendo e rindo de histórias que nunca tinham contado antes. Carlos parecia relaxado — algo raro nele —, e Juliana, pela primeira vez, deixou de lado a defensiva.

Mais tarde, ele sugeriu:

— Que tal uma pausa? Você deve estar cansada.

Ela riu. — Carlos, eu tô no meio de uma coleção nova.

— Só um filme. Prometo não atrapalhar.

Juliana acabou cedendo. Ligaram a televisão do pequeno sofá do ateliê e escolheram um filme aleatório. No meio das risadas e comentários, as mãos deles se tocaram. Ninguém recuou.

Quando o filme acabou, ela estava deitada com a cabeça no ombro dele, e ele a envolvia de leve com o braço. O som da chuva começava a cair lá fora, suave e constante.

— Faz tempo que não me sinto assim — murmurou Carlos, olhando para ela.

Juliana levantou o olhar, confusa. — Assim como?

— Em paz. — Ele sorriu de canto. — Você tem esse efeito estranho em mim.

Ela desviou os olhos, tentando esconder o sorriso que insistia em aparecer. — Talvez seja só porque hoje você não teve que lidar com jornalistas.

— Ou talvez seja porque estou com a pessoa certa.

O coração de Juliana acelerou. Ficaram em silêncio por um momento, apenas ouvindo o som da chuva batendo na janela. Carlos puxou a manta que estava no sofá e a cobriu.

E assim, sem pressa, sem planos, passaram o resto do dia juntos — entre conversas, risos e olhares que diziam mais do que qualquer promessa.

Do lado de fora, a cidade seguia seu ritmo.
Mas ali dentro, o tempo parecia ter escolhido parar.

Capítulo 17 — Entre Linhas e Silêncios

A noite havia caído sobre a cidade, e o som distante da chuva ainda ecoava lá fora. O ateliê estava em meia-luz — apenas o abajur sobre a mesa de costura lançava um brilho suave e amarelado que dançava nas paredes.

Juliana terminava de guardar alguns tecidos, mas seus movimentos eram lentos, distraídos. Carlos ainda estava ali, sentado no sofá, observando-a com o mesmo olhar que carregava desde cedo — intenso, firme, como se tentasse decifrar cada gesto dela.

— Você devia ir — disse ela, sem encará-lo. — Já está tarde.

— Não quero ir — respondeu ele, com a voz baixa, rouca.

Juliana respirou fundo. Sentia o coração acelerar de novo. Tentou disfarçar, mas quando se virou para enfrentá-lo, encontrou aquele olhar que parecia atravessá-la por dentro.

— Carlos... — começou ela, mas ele já estava de pé.

O som dos passos dele no chão de madeira foi o único ruído até que parou diante dela. Tão perto que ela podia sentir o perfume, o calor.

— Você não faz ideia do que me causa — murmurou ele, tocando de leve a ponta dos dedos no braço dela.

Juliana estremeceu.

— Não devia dizer isso — sussurrou, quase sem voz.

— Então me impede. — Os olhos dele brilhavam.

Ela ficou em silêncio. Mas não se afastou.
Carlos passou a mão pelos cabelos dela, devagar, como se cada fio fosse precioso.
Juliana fechou os olhos, e por um instante, o mundo se resumiu àquele toque.

Quando ele a puxou pela cintura, não houve resistência. O beijo veio denso, profundo, carregado de tudo o que os dois haviam tentado esconder o dia inteiro. O corpo dela respondeu ao dele com naturalidade, como se já se conhecessem há muito mais tempo do que realmente se conheciam.

O abajur tremulou com o vento que entrou pela janela entreaberta.
Os croquis espalhados pela mesa balançaram, e um tecido escorregou lentamente para o chão.
Nada mais parecia importar.

Carlos a segurou pela mão e a levou até o sofá, onde se sentaram, sem deixar o olhar se romper. As mãos dele tremiam um pouco quando tocaram o rosto dela, e ela percebeu que, por trás de toda aquela confiança, havia também uma vulnerabilidade que nunca tinha notado antes.

Os beijos ficaram mais lentos, mais profundos.
Juliana o olhou nos olhos e, pela primeira vez, não tentou conter o que sentia.

A chuva aumentava lá fora.
Lá dentro, o silêncio se misturava à respiração acelerada, ao calor dos corpos próximos, às mãos que exploravam devagar, com cuidado, com desejo.

A noite se estendeu, longa e intensa.
Entre risos, sussurros e carícias, o ateliê virou testemunha de algo que nenhum dos dois planejou, mas que ambos sabiam que era impossível evitar.

E quando, horas depois, o silêncio voltou, Juliana estava deitada com a cabeça no peito dele, ouvindo o ritmo do coração de Carlos.

— Isso é loucura — ela murmurou, com um meio sorriso.
— Então me deixa ser louco com você — respondeu ele, beijando-lhe a testa.

Ela fechou os olhos, deixando o corpo relaxar.

A chuva lá fora continuava caindo, mas dentro do ateliê o mundo parecia suspenso — feito de linhas, suspiros e um sentimento que começava, lentamente, a se tornar inevitável.

Capítulo 18 — Confissões no Shopping

O mês passou rápido, e Juliana e Carlos continuaram praticamente inseparáveis. Entre encontros no ateliê, almoços improvisados, filmes e noites longas juntos, o romance deles se consolidava de forma natural e intensa. Cada dia parecia trazer mais cumplicidade, risadas e aquela sensação de pertencimento que ambos buscavam há muito tempo.

Naquela manhã ensolarada, Juliana decidiu dar uma pausa no trabalho e encontrou Carolina no shopping, entre vitrines brilhantes e lojas movimentadas. O cheiro de café recém-passado e o som distante de risadas preenchiam o ambiente, tornando tudo mais leve.

— Você não imagina como estava precisando disso — disse Juliana, segurando a bolsa no ombro. — Um pouco de distração.

— Eu sei bem — respondeu Carolina, suspirando enquanto caminhavam entre as lojas.
— Mas tem uma coisa que não sai da minha cabeça...

Juliana arqueou uma sobrancelha, curiosa.

— O quê?

Carolina parou em frente a uma vitrine de sapatos, fingindo analisar os saltos, mas os olhos dela traíam o nervosismo.

— Desde aquela noite da balada... eu não consigo parar de pensar no Júlio. — Ela respirou fundo. — E ele... ele não me mandou nenhuma mensagem desde então.

Juliana se aproximou, segurando a mão da amiga de leve.

— Carol... você sabe que ele também ficou bem interessado, né?

— Sei — respondeu Carolina, com um suspiro pesado. — Mas ficar sem notícias assim... me deixa ansiosa. Eu não sei o que pensar.

Juliana sorriu, tentando acalmar a amiga.

— Talvez ele esteja esperando o momento certo. Ou não sabe como começar a se aproximar. Às vezes os homens complicam tudo, sabe?

Carolina riu levemente, mas ainda parecia preocupada.

— Acho que sim... Mas não dá pra evitar pensar nele. Cada detalhe da noite, cada olhar...

— Entendo — disse Juliana, encostando-se na vitrine. — Mas você também precisa se lembrar de que ele gosta de você. Às vezes, um pouco de paciência ajuda mais do que pensar demais.

Carolina suspirou novamente, mas o semblante suavizou.

— Talvez você esteja certa. Mas é difícil não imaginar se ele também está pensando em mim...

— Tenho certeza de que está — disse Juliana, com um sorriso cúmplice. — E até que ele dê um sinal, a gente pode aproveitar a vida um pouco.

As duas riram e seguiram andando, parando em cafés e lojas, conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Entre compras e risadas, o vínculo entre amigas se fortalecia, enquanto o coração de Carolina permanecia dividido entre a ansiedade e a esperança de um reencontro com Júlio.

E, naquele momento, Juliana percebeu que a amizade dela também funcionava como um porto seguro, mesmo com os próprios sentimentos se misturando ao amor que crescia por Carlos.

Capítulo 19 — Planos e Confissões

O escritório de Carlos Moretti estava silencioso, exceto pelo som distante dos teclados e pelo relógio marcando cada minuto da tarde. Ele olhava pela janela, observando a cidade movimentada lá embaixo, mas a mente estava longe do trabalho.

Juliana ocupava seus pensamentos novamente — não apenas pelos momentos intensos que passaram juntos, mas por tudo que ela representava: força, inteligência, e aquela naturalidade que contrastava completamente com o mundo de luxo e aparências em que ele vivia.

— Você está pensativo demais hoje — disse Júlio, entrando no escritório com um sorriso maroto, segurando uma xícara de café.

— Ah, é mesmo? — Carlos virou-se, fingindo distração. — Só refletindo sobre negócios.

— Sei... — Júlio se aproximou, cruzando os braços. — Na verdade, queria falar de outra coisa.

— Hum? — Carlos arqueou uma sobrancelha.

— Carol — disse Júlio, desviando o olhar por um instante. — Desde aquela noite da balada... não consigo tirar ela da cabeça. Ela é incrível. Queria dar um jeito de vê-la de novo, mas não sei como.

Carlos sorriu de leve, encostando-se na mesa. — Você gosta dela, não é?

— Claro que sim — respondeu Júlio, rindo nervosamente. — Mas não quero ser invasivo. Não quero assustá-la.

Carlos pensou por um instante, analisando a situação. Um plano começou a se formar em sua mente.

— E se a gente tentasse algo juntos? — disse ele, inclinando-se levemente. — Tipo um... encontro duplo? Você com a Carol e eu com a Juliana?

Júlio piscou surpreso. — Um encontro duplo? Tipo... sair todos juntos?

— Exatamente. — Carlos sorriu, confiante. — Juliana e eu estamos muito bem, mas podemos aproveitar e tornar tudo mais divertido. Você fica mais perto da Carol, e eu... bem, eu fico perto da minha garota.

Júlio pensou por alguns segundos, depois riu. — Cara, você é um gênio. Mas será que isso não fica muito óbvio?

— Óbvio, talvez. Mas divertido, com certeza. Além disso, ninguém vai desconfiar que a Carol também está interessada — disse Carlos, com aquele olhar calculista que sempre o ajudava nos negócios. — Vai parecer natural.

— Certo... — Júlio sorriu mais aliviado. — Então vamos fazer isso.

Carlos deu um tapinha no ombro do amigo. — Fechado. Eu vou falar com a Juliana. Depois é só escolher a hora e o lugar.

Enquanto Júlio se afastava, Carlos voltou à janela, observando a cidade iluminada pelo pôr do sol. Ele sentiu um calor no peito não apenas pelo plano funcionando como ponte para aproximar seus amigos, mas também por saber que Juliana estaria com ele, rindo, dividindo aquele momento como um casal, mesmo que oficialmente ninguém ainda dissesse a palavra “namoro”.

E, por um instante, naquele mundo de luxo, reuniões e imprensa, Carlos sentiu que as coisas finalmente começavam a se encaixar — Juliana ao seu lado, Júlio e Carolina do outro, e todos se aproximando de uma felicidade que ele achava que não existia para ele.

Capítulo 20 — Encontro Duplo

Carlos olhou para o espelho do carro antes de estacionar. Estava com uma camisa social azul marinho ajustada, calça de alfaiataria preta e sapatos de couro impecáveis, o tipo de roupa que passava poder e elegância, mas ainda permitia movimento. Ajustou a gravata levemente e suspirou.

O restaurante escolhido era moderno e elegante, com paredes de vidro que deixavam a luz da rua entrar, e luminárias que criavam um brilho quente sobre as mesas. Havia mesas de madeira clara, decoração minimalista, e música ambiente suave, ideal para conversas sem precisar gritar.

Ele saiu do carro e viu Juliana do outro lado da entrada. Vestido verde esmeralda que realçava os cabelos ruivos, maquiagem discreta mas perfeita, sapatos de salto que davam equilíbrio à postura confiante dela. Carlos sentiu o coração apertar de uma forma boa, lembrando-se de cada detalhe dela: o perfume, o jeito como mexia o cabelo, o sorriso que iluminava o rosto.

— Você está... incrível — disse ele assim que chegaram mais próximos, sem conseguir esconder a admiração.

Ela sorriu, levemente corada, mas com aquele ar natural que ele tanto amava.

— Você também está muito bem — respondeu.

Júlio chegou logo depois, com uma camisa cinza clara, calça jeans escura e sapatos casuais, o visual desprestensioso que combinava com o jeito descontraído dele. Carolina apareceu por último, vestida com um macacão vinho elegante, cabelo solto, maquiagem suave, e um sorriso que fez Júlio parecer ainda mais nervoso.

— Vamos lá — disse Carlos, abrindo a porta para todos entrarem.

Durante o jantar, Carlos observava tudo com atenção. Cada gesto de Juliana, cada risada dela, fazia seu coração disparar. Ele reparava na forma como ela colocava os talheres, como jogava de leve o cabelo para trás e como os olhos verdes brilhavam sob a luz quente do restaurante.

Júlio, do lado de Carolina, parecia meio nervoso, mas ela o tranquilizava com olhares e risadinhas. Carlos percebeu cada movimento, cada toque sutil. Era engraçado — o plano tinha funcionado melhor do que imaginara.

— E esse vinho, é da sua preferência? — Carlos perguntou, inclinando-se levemente para Juliana.

— Perfeito — respondeu ela, sorrindo e tocando a mão dele brevemente sobre a mesa. O simples gesto fez uma onda de calor subir pelo peito dele.

O jantar seguiu com conversas leves: histórias engraçadas, comentários sobre moda, lembranças da balada e pequenas provocações. Carlos sentia que cada instante ao lado de Juliana tornava tudo mais real. Ela não precisava se esforçar para impressionar — e mesmo assim, cada detalhe dela parecia impecável.

Depois da sobremesa, Carlos sugeriu uma caminhada pelo calçadão próximo ao restaurante, à beira de uma pequena praça iluminada por postes com luz amarelada. Ele andava ligeiramente à frente, mas constantemente olhava para Juliana, certificando-se de que estava confortável. Ela segurava a mão dele casualmente, um gesto pequeno, mas que dizia muito.

— Sabe — murmurou Carlos, olhando para ela — é engraçado como tudo parece mais fácil quando você está por perto.

Ela riu, olhando para os próprios pés por um instante antes de erguer o rosto e encará-lo.

— Eu sei... — respondeu ela, o tom suave e sincero.

Enquanto caminhavam, Júlio e Carolina conversavam ao lado, risadas e olhares cúmplices surgindo aqui e ali. Carlos observava tudo, mas não se importava; na verdade, sentia satisfação ao ver os amigos também se aproximando.

Quando o passeio terminou, todos se despediram do jeito mais natural possível, mas Carlos não conseguiu evitar olhar para Juliana com intensidade. Ela sorriu para ele, e naquele instante, ele soube que mesmo que ninguém dissesse, eles eram um casal — no coração, na mente e na vida real.

Ele segurou a mão dela por um instante a mais antes de soltá-la, e o toque fez com que ambos sorrissem, sem palavras, apenas com a certeza de que aquela noite marcaria mais um capítulo importante da história deles.

Capítulo 21 — Confronto Familiar

O escritório antigo da família Moretti era impecável: móveis de madeira escura, paredes revestidas com quadros de antepassados, e o ar pesado de tradição e poder impregnado em cada canto. Carlos entrou, sabendo que seu avô, Don Vittorio Moretti, o esperava. O homem, de mais de oitenta anos, mas com postura rígida e olhar penetrante, estava sentado atrás da imponente mesa de carvalho.

— Carlos... — começou o avô, a voz firme, cortando o silêncio. — Soube... sobre você e Juliana.

Carlos engoliu em seco, sentindo o coração acelerar.

— Vovô... eu posso explicar.

— Explicar? — Don Vittorio levantou-se, aproximando-se dele com passos firmes. — Um relacionamento com ela? Uma mulher sem família, sem status, sem nada que se aproxime de nossas tradições? Carlos, você sabe quem somos!

Carlos respirou fundo, mantendo a postura, embora sentisse a tensão crescer.

— Eu sei, Vovô. Mas Juliana... ela é incrível. Inteligente, trabalhadora, independente. Não se trata de dinheiro ou status. Ela me faz feliz.

O avô franziu o cenho, olhando-o de cima a baixo como se tentasse encontrar alguma falha que justificasse a indignação.

— Feliz? Carlos, felicidade não basta! Você está se metendo com uma mulher que não entende o que é ser parte da família Moretti. — A voz dele estava carregada de reprovação, mas havia também um toque de desapontamento profundo.

Carlos sentiu uma raiva controlada misturada com tristeza.

— Vovô, Juliana não precisa entender sobre status. Ela tem algo que ninguém da nossa família conseguiu me dar: ela me entende. Ela me faz ser melhor.

Don Vittorio bateu a mão na mesa, um som seco que ecoou pelo escritório.

— Melhor? Carlos, você está deixando a razão de lado. Eu não aceito isso.

— Então você está me dizendo que minha felicidade não importa? — Carlos respondeu, firme, mas com a voz carregada de emoção. — Porque a minha felicidade com Juliana importa mais do que qualquer tradição que você queira impor.

O avô o olhou por alguns segundos, respirando fundo, visivelmente abalado pela determinação do neto.

— Você está se equivocando, Carlos. Mas se insiste... não espere que eu facilite as coisas para vocês dois.

Carlos fechou os punhos discretamente, controlando a raiva.

— Não espero. Mas quero que saiba de uma coisa: Juliana não vai mudar para se encaixar no que você considera aceitável. E eu não vou mudar meus sentimentos por ela.

O silêncio tomou o escritório novamente. Don Vittorio se afastou da mesa, olhando para Carlos com um misto de desaprovação e preocupação.

— Então está decidido... você seguirá seu caminho, mas não conte comigo.

Carlos assentiu, com o coração pesado, mas a mente firme.

— Está bem. Mas vovô... Juliana não é apenas minha escolha. Ela é a mulher da minha vida.

E, ao sair do escritório, Carlos sentiu uma mistura de alívio e tensão. A batalha familiar havia começado, mas ele sabia que não abriria mão do que sentia por Juliana, nem que tivesse que enfrentar toda a família Moretti.

Capítulo 22 — O Silêncio Entre Nós

O fim de tarde trazia um tom dourado pelas janelas do ateliê. Juliana estava terminando de ajustar um vestido quando ouviu batidas leves na porta. O som familiar fez seu coração acelerar, mesmo antes de ouvir a voz dele.

— Posso entrar? — perguntou Carlos, com aquele sorriso contido.

Ela assentiu, limpando as mãos num pano de tecido. Ele entrou, ainda vestindo o terno escuro, a gravata levemente solta, e o cansaço visível nos olhos azuis.

— Você parece exausto — comentou Juliana, se aproximando.

Carlos respirou fundo e segurou as mãos dela, os polegares acariciando seus dedos com calma.

— Eu precisava te ver. Tive uma conversa com meu avô hoje.

Juliana sentiu o estômago apertar. O tom da voz dele bastava para avisar que não era boa notícia.

— O que aconteceu?

Ele desviou o olhar por um instante antes de responder.

— Ele descobriu sobre a gente. Disse... que não aceita. Que você não faz parte do que ele chama de “padrão Moretti”.

O silêncio que se seguiu pesou. Juliana ficou quieta, olhando para o chão, as mãos ainda nas dele. Era como se já esperasse por aquele tipo de reação, mas mesmo assim doía ouvir.

— E o que você disse? — perguntou, a voz calma, porém firme.

— Que não abro mão de você — respondeu ele sem hesitar. — Que o que a gente tem é real, e que eu não vou deixar ninguém interferir.

Juliana ergueu os olhos e o encarou, uma mistura de surpresa e ternura.

— E ele acreditou nisso?

Carlos soltou um riso amargo.

— Meu avô não é um homem fácil. Mas eu tenho um plano. Nós vamos dar um jeito, juntos.

Ela respirou fundo, tentando se permitir confiar naquela promessa.

— Um jeito?

— Sim — disse ele, segurando o rosto dela entre as mãos. — Eu não quero te perder, Ju. A gente vai resolver isso.

Juliana assentiu, mesmo sem saber exatamente o que ele queria dizer com “dar um jeito”. Confiava nele, e isso bastava por agora.

Mais tarde, quando Carlos foi embora, o ateliê ficou silencioso outra vez. Juliana tentava se concentrar no trabalho, mas as palavras dele ecoavam na cabeça. “Nós vamos dar um jeito.”

Ela acreditava. Ou queria acreditar.

Horas depois, ao organizar a mesa, viu o tablet de Carlos ali, entre tecidos e croquis. O aparelho acendeu, mostrando uma notificação. Juliana hesitou, mas a curiosidade venceu a prudência.

Ela clicou. Era um e-mail.

Assunto: “Plano de gestão de imagem familiar — estratégia para contenção de exposição pública.”

As primeiras linhas a deixaram sem ar.

> “Conforme conversado, sugerimos que o senhor Moretti evite aparições públicas ao lado da Sra. Juliana por tempo indeterminado.

Recomendamos que a relação seja mantida de forma reservada até que o patriarca Moretti se manifeste favoravelmente.

É imprescindível preservar a imagem da família e minimizar repercussões na imprensa.”

Juliana sentiu o coração bater mais forte.

Rolou a tela e encontrou o nome dele no rodapé da mensagem:

‘C. Moretti — de acordo com as recomendações apresentadas.’

O peito dela se apertou. Então o “jeito” que ele mencionara era escondê-los. Silenciar o que tinham. Fingir que nada existia.

Quando Carlos voltou no fim da tarde seguinte, o ateliê estava vazio. Juliana o esperava sentada em uma poltrona, o tablet sobre o colo. Ele percebeu a tensão assim que entrou.

— Ju? O que foi?

Ela ergueu os olhos, e o olhar verde dele encontrou um que agora parecia frio.

— Eu li o e-mail, Carlos.

Ele travou, o rosto perdendo a cor.

— Ju... eu ia te contar.

— Ia? — interrompeu ela. — Ou ia continuar fingindo que “dar um jeito” era o mesmo que me esconder?

Carlos se aproximou, tentando explicar. — Eu não quis te magoar. Meu avô é orgulhoso, e isso foi uma estratégia temporária. Eu só tentei te proteger.

Juliana levantou-se devagar, segurando o tablet com força.

— Me proteger? Carlos, me esconder não é me proteger. É me negar. Você disse que me escolheu, mas assinou um e-mail tratando a gente como problema.

A voz dela estava controlada, mas cada palavra era uma ferida.

— Eu acreditei quando você disse que a gente resolveria juntos. Só que você já tinha resolvido — sozinho.

Carlos passou a mão no cabelo, nervoso, tentando se aproximar.

— Eu fiz o que achei certo. Você não entende como ele pode ser cruel.

Ela deu um passo para trás.

— Talvez eu entenda melhor do que você pensa. Só não aceito ser apagada da sua vida por medo do que o seu avô vai pensar.

O silêncio se instalou. Carlos tentou tocar o rosto dela, mas ela desviou, respirando fundo.

— Eu preciso pensar, Carlos.

— Ju... não faz isso, por favor.

— Eu não vou embora — respondeu, calma. — Mas eu preciso de um tempo.

Ela virou-se para o balcão, o olhar perdido entre tecidos e linhas. Carlos ficou ali por alguns segundos, como se esperasse que ela mudasse de ideia, mas nada aconteceu. Apenas o som da chuva começou a cair lá fora.

Quando ele saiu, Juliana encostou-se na mesa e deixou as lágrimas caírem silenciosamente. Não era o fim, mas era uma pausa dolorosa — um daqueles momentos em que o amor continua vivo, mas a confiança precisa reaprender a respirar.

Capítulo 23 — O Tempo Que Ela Pediу

Carlos dirigia sem destino. A chuva batia no para-brisa e se misturava com o reflexo das luzes da cidade, transformando tudo num borrão. O rádio estava desligado, o celular no modo silencioso, e o terno — o mesmo que usara para impressionar Juliana semanas atrás — agora parecia mais pesado do que nunca.

A conversa com ela ainda ecoava na cabeça.

"Eu não vou embora, mas preciso de um tempo."

Aquelas palavras o atingiram mais do que qualquer discussão. Juliana não gritara, não chorara na frente dele — e isso doía mais. O silêncio dela dizia o que ele sempre temeu: que ela poderia simplesmente... desistir.

Encostou o carro em frente ao prédio da empresa, mas não saiu. Ficou ali, com as mãos no volante, os olhos fixos no nada.

Ele, Carlos Moretti — o homem que dirigia uma das maiores empresas do país, que estava acostumado a resolver crises com uma única ligação — agora não sabia como consertar algo tão simples e, ao mesmo tempo, tão essencial: a confiança de uma mulher.

Sabia que havia errado.

O e-mail, a reunião com o advogado, o “jeito” que prometera a ela.

Não fora por maldade — era medo.

Medo do avô, das consequências, de perder o império que um dia herdaria.

Mas, principalmente, medo de perder ela.

E ironicamente, esse medo o estava levando exatamente a isso.

Nos dias seguintes, tentou manter distância. Não mandou mensagens, embora o instinto gritasse para ligar todas as noites. Pensava em aparecer no ateliê, só paravê-la de longe, mas sempre desistia no último minuto. Juliana havia pedido tempo — e ele precisava respeitar isso, por mais que doesse.

O trabalho virou refúgio e castigo ao mesmo tempo. Passava horas na sala de reuniões, mas não ouvia metade do que seus diretores diziam. Na mesa, o celular ficava virado para baixo, mas a tela acendia a cada poucos minutos — sempre na esperança de ver o nome dela.

Nada.

Em casa, o silêncio era insuportável. O apartamento amplo, antes um símbolo de sucesso, agora parecia vazio demais. Ele tentava preencher o espaço com trabalho, com treinos, com vinho — mas o perfume dela ainda pairava nos lençóis, o som da risada ainda ecoava na memória.

Uma noite, Júlio apareceu de surpresa.

— Cara, você tá um caco. — Jogou-se no sofá, encarando o amigo. — Me diz que pelo menos comeu alguma coisa hoje.

Carlos soltou um riso breve, sem humor.

— Não tô com fome.

— Isso não é só fome, é saudade — provocou Júlio. — A Juliana?

Carlos passou a mão pelo rosto e assentiu, cansado.

— Ela descobriu sobre o acordo com o advogado. Leu o e-mail.

— Putz.

— É. — Ele se inclinou para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. — Eu só queria proteger ela, Júlio. Meu avô não aceita a gente. Disse coisas horríveis sobre ela, sobre mim. Eu tentei encontrar uma forma de não deixá-la ser atacada.

Júlio ficou em silêncio por um instante, depois disse:

— E você não percebeu que, ao tentar protegê-la, fez ela se sentir pequena?

Carlos ergueu o olhar, e o amigo deu um leve sorriso compreensivo.

— Você esqueceu que a Juliana nunca precisou que ninguém a protegesse. Ela se fez sozinha. Só precisava que você estivesse do lado dela, não na frente.

A frase ficou martelando na cabeça de Carlos por dias.

Nos dias seguintes, ele começou a entender o que realmente significava dar espaço: não sumir, mas também não sufocar. Mandou flores discretas — sem bilhete. Enviou uma mensagem curta, depois de uma semana:

> “Não quero te pressionar. Só quero que saiba que estou aqui, do jeito que você precisar. — C.”

Nenhuma resposta.

Mesmo assim, ele continuou respeitando o silêncio. Era o mínimo que podia fazer. E, embora não dissesse em voz alta, no fundo ele sabia: se Juliana decidisse voltar, ele não cometaria o mesmo erro duas vezes.

Não esconderia mais nada.

Não deixaria o medo decidir por ele.

Naquela noite, antes de dormir, olhou para o tablet sobre a mesa de cabeceira — o mesmo que causara tudo. Por um segundo, pensou em jogar fora. Mas decidiu deixá-lo ali, como lembrete.

De que algumas feridas não servem pra serem apagadas, e sim pra ensinar.

E enquanto o sono não vinha, Carlos sussurrou para o escuro, quase como um pedido:
— Só me dá mais uma chance, Juliana... eu juro que dessa vez eu vou merecer você.

Capítulo 24 — Entre o Orgulho e a Saudade

Os dias passaram devagar.

Juliana mergulhou no trabalho como nunca. O ateliê, que antes era um refúgio de inspiração, agora parecia o único lugar onde ela conseguia respirar. Entre tecidos, linhas e medidas, tentava costurar o próprio coração, ponto por ponto.

Mas não era fácil.

A cada toque do celular, ela esperava — mesmo sem admitir — ver o nome dele. Às vezes, chegavam flores, discretas, sem bilhete. Ela sabia de quem vinham. Não jogava fora, mas também não colocava em vaso. Deixava ali, sobre a bancada, como quem não quer, mas também não consegue se desfazer.

Carol percebia tudo.

— Ju, você vai acabar se esgotando desse jeito — disse, apoiando-se na porta do ateliê. — Já são quase dez da noite, vai pra casa.

Juliana suspirou, tirando o alfinete dos lábios.

— Não tô cansada.

— Você tá exausta, só não quer admitir. — Carol se aproximou, cruzando os braços. — E a gente sabe o motivo.

Juliana olhou para o vestido em construção, evitando o olhar da amiga.

— Não é tão simples assim, Carol.

— Não, não é. Mas ficar fugindo também não é solução.

Juliana finalmente se virou para ela.

— Ele me escondeu coisas, Carol. Ele sabia que o avô dele não me aceitava, e em vez de me contar, foi tentar “resolver” sozinho. Como se eu fosse um problema.

Carol assentiu devagar.

— Eu sei. Mas você também sabe que ele não fez por maldade. Ele é... complicado. — Deu um meio sorriso. — Rico, poderoso, cabeça dura e completamente perdido quando o assunto é sentir.

Juliana soltou um suspiro cansado, apoiando as mãos na mesa.

— Eu só... não sei se consigo confiar de novo.

— Mas ainda ama ele, né? — perguntou Carol, sem rodeios.

O silêncio que se seguiu foi resposta suficiente.

Juliana desviou o olhar, fingindo arrumar alguns tecidos.

— O amor não é o problema.

— O orgulho é — completou Carol, com um sorrisinho. — Mas tudo bem, você precisa do seu tempo. Só não deixa ele te perder completamente, Ju. Às vezes, a gente finge que quer distância quando, na verdade, só quer ser procurada de novo.

Juliana ficou em silêncio por alguns segundos, até que soltou uma risada fraca.

— Você anda filosófica demais.

— Ou eu só tô vendo uma amiga tentar consertar a vida com linha errada. — Carol piscou, pegando a bolsa. — Amanhã vamos dar uma volta, sem tecidos, sem trabalho. Você precisa respirar.

Quando ficou sozinha, Juliana olhou em volta. O ateliê estava em silêncio, apenas o som suave da chuva batendo contra a janela.

O perfume das flores — as dele — ainda estava no ar.

Ela pegou uma das pétalas caídas sobre a mesa e a girou entre os dedos.

Por mais que tentasse negar, sentia falta dele. Do riso, do jeito protetor, até das manias irritantes.

Mas o que mais doía era saber que, no fundo, Carlos tinha tentado protegê-la. Só escolheu o pior jeito possível.

Pegou o celular. A tela mostrava o nome dele ainda fixado no topo da conversa — mas sem novas mensagens desde aquela última:

> “Não quero te pressionar. Só quero que saiba que estou aqui, do jeito que você precisar. — C.”

Os olhos dela ficaram marejados, mas não respondeu.

Apagou a notificação, guardou o celular na bolsa e apagou as luzes.

Enquanto trancava o ateliê, pensou em como o amor podia ser bonito e dolorido ao mesmo tempo.

Talvez ainda existisse um “nós”.

Mas, por enquanto, ela precisava continuar sendo só ela.

Capítulo 25 — Herdeiro ou Homem

O relógio marcava quase oito da noite quando Carlos entrou no casarão dos Moretti. O ar era pesado, silencioso — aquele tipo de silêncio que antecede algo importante. O avô o esperava na biblioteca, cercado por prateleiras antigas e o aroma de conhaque.

— Finalmente — disse o velho Moretti, erguendo os olhos do jornal. — Pensei que o CEO da Moretti Group tivesse esquecido a própria família.

Carlos respirou fundo, pousando o celular no bolso do paletó cinza.

— Boa noite, nonno.

— Boa noite? — o tom era irônico. — Tenho lido muitas boas noites sobre você ultimamente. — Ele empurrou uma revista em direção ao neto. A capa mostrava uma foto antiga: Carlos e Juliana, sorrindo em um restaurante. — Você me prometeu que isso tinha acabado.

Carlos ficou alguns segundos em silêncio.

— E acabou, nonno.

O velho estreitou os olhos.

— Mentira. Sei reconhecer quando um homem está mentindo. Principalmente um Moretti.

Carlos engoliu seco.

— O que o senhor quer que eu diga?

— Quero que você aja como um Moretti. — O tom endureceu. — Você tem um nome, uma herança, uma empresa que depende da sua imagem. Aquela moça pode ser talentosa, pode ser até decente, mas não é do nosso meio. Não é o tipo de mulher que se casa com um Moretti.

As palavras bateram fundo, como socos velados.

Carlos cerrou os punhos.

— Com todo respeito, nonno, a minha vida pessoal não interfere na empresa.

O velho riu baixo, frio.

— Você realmente acredita nisso? A imagem é tudo, Carlo. Aquele relacionamento pode custar contratos, acionistas, a confiança de famílias que negociam conosco há décadas. — Deu um gole no conhaque. — E tudo isso por uma mulher que nem da alta sociedade é.

Carlos levantou o olhar, firme.

— Ela é mais do que qualquer uma dessas mulheres que o senhor chama de “adequadas”.

O velho bateu o copo na mesa, o som ecoando pelo cômodo.

— Basta! — gritou. — Você vai me ouvir! Enquanto eu estiver vivo, você ainda é um Moretti. E eu não vou permitir que você destrua o legado da família por um capricho passageiro.

Carlos respirou fundo, o maxilar travado.

— O senhor chama amor de capricho?

— Chamo de fraqueza. — A voz do avô agora estava fria, cortante. — E fraqueza não combina com o sobrenome que você carrega.

O silêncio se instalou entre eles.

Carlos desviou o olhar, fixando-se em um retrato antigo na parede — uma foto do avô jovem, ao lado da avó, com o mesmo olhar duro que agora o encarava.

Por um instante, sentiu pena. Não de si, mas do homem à sua frente, que nunca aprendeu o que era amar sem medir consequências.

Levantou-se.

— Se é isso que pensa, não tem mais o que conversarmos.

O velho arqueou uma sobrancelha.

— Vai embora de novo?

— Vou viver. — Carlos respondeu, com voz baixa, mas firme. — Do meu jeito.

Quando saiu da biblioteca, as palavras do avô ainda ecoavam em sua mente.

“Fraqueza.”

Talvez ele fosse mesmo fraco — mas não por amar Juliana.

Fraco por não ter coragem de enfrentá-lo antes.

No carro, pegou o celular.

O nome dela ainda estava fixo no topo da tela. Nenhuma nova mensagem.

Pensou em escrever algo, mas apagou antes mesmo de digitar.

Olhou pela janela, as luzes da cidade refletindo nos olhos azuis.

Tudo que queria eravê-la.

Mas, pela primeira vez, não sabia se merecia.

Capítulo 26 — Ultimato

A manhã entrou clara pelo vitral do ateliê, tingindo os tecidos de cores vivas. Juliana estava de pé sobre o piso de madeira, a máquina de costura a poucos centímetros, mãos habituadas que costuravam com precisão. Ao redor, manequins exibiam provas — vestidos longilíneos em seda, um tom de marfim com aplicação discreta de renda, um outro em verde esmeralda já quase pronto — peças que, nos últimos dias, haviam começado a chamar atenção das mulheres da alta sociedade por quem Carlos havia falado dela.

Ela lembrava perfeitamente da conversa de dias atrás: Carlos — com seu ar confiante e aquele poder de abrir portas — tivera a gentileza de mencionar o ateliê dela para algumas clientes influentes. O resultado viera como ondas: encomendas, ajustes, telefonemas agendando provas e elogios que chegavam embrulhados em frases polidas. Era reconhecimento; era a confirmação de que todo o esforço, cada noite mal dormida, tinha valido a pena.

Enquanto puxava a linha, passou a mão pelo vestido que modelava e sorriu. Havia um orgulho calmo — não dela ser vista por quem antes não a notara, mas por ter chegado ali por mérito próprio. Pensou, por um instante, em mandar uma mensagem curta para Carlos: só um “pode vir ao ateliê hoje? precisamos conversar”. Queria resolver as coisas. Queria olhar nos olhos dele sem e-mails e sem reuniões familiares no meio.

Pegou o celular com a ponta dos dedos — o aparelho ainda vibrava às vezes com as notificações automáticas dos pedidos — e, com o dedão, abriu a conversa. Escreveu mentalmente a frase curta; foi colocar os dedos no teclado quando ouviu o som do portão principal sendo aberto lá fora. Era um barulho distinto, de carro grande e passos firmes. Juliana franziu o cenho, imaginando que fosse Carolina chegando com café, ou até mesmo uma cliente adiantando algum horário.

A porta do ateliê abriu com ares que não combinavam com amostras de tecido: entrou um homem idoso, com postura reta, roupa escura perfeitamente alinhada e o olhar frio de alguém acostumado a mandar — Don Vittorio Moretti. O corpo dela se enrijceu num reflexo quase automático. Não esperava encontrá-lo ali.

Ele não precisou anunciar o nome; o silêncio já dizia tudo. Don Vittorio caminhou até o centro da sala como se dominasse cada centímetro. O cheiro habitual de água sanitária e perfume barato que às vezes vinha junto aos entregadores foi substituído por um perfume caro, seco, e pelo som contido de sapatos de couro em madeira.

— Senhor Moretti — Juliana tentou manter a voz neutra, segura. — O que o senhor faz aqui?

O velho a fitou, os olhos pequenos mas cortantes, avaliando com frieza.

— Juliana — disse ele, a palavra sem afeto —, não vim para conversar sobre tecidos. Vim para avisar.

Juliana engoliu em seco e deixou o celular sobre a mesa, a mensagem inacabada naquela tela. — Avisar sobre o quê? — perguntou, tentando soar calma.

Don Vittorio fez um gesto, lento, que dispensava explicações. — Você sabe muito bem o que está fazendo ao se envolver com meu neto. Eu não sou um homem que se expõe em jornais por vaidade — declarava, com a voz grave —, mas também não hesitarei em proteger o futuro da família.

Juliana sentiu um calor subir pela face — não de vergonha, mas de indignação. — O senhor fala como se eu fosse uma ameaça. Eu não tirei nada dele. Eu trabalho.

O olhar dele não mudou. — Trabalho? — repetiu, quase zombeteiro. — Você, uma costureira, veio a ser tropa de risco para nossos negócios? Não seja ingênua. Existem investidores, contratos e laços que dependem da imagem que carrego há gerações.

Juliana bateu com leve força o dedão na mesa, controlando a vontade de retrucar com mais dureza. — Não quero nada da família Moretti, senhor. Quero apenas fazer meu trabalho.

Don Vittorio virou o corpo e aproximou-se, reduzindo o espaço entre ambos. A presença dele era uma parede. — Não me venha com quixotes. Ou você termina isso agora — apontou um dedo quase sem tocá-la —, ou eu tiro tudo do Carlos. Incluo nas decisões de sucessão, nos contratos, nos bens que ele poderia um dia herdar. Tirei e sei o que faço. O testamento pode ser revisto, e você será, para nós, um erro de percurso que não admitimos.

Aquelas duas sílabas — testamento, revisto — pesaram como chumbo. O ar ficou curto. Juliana sentiu um frio na nuca; não por medo de perder bens que nunca foram seus, mas por ver o que aquilo representava: a disposição de Don Vittorio em usar cada alavanca de poder para forçar escolhas. Era um ultimato velado: escolha entre o homem que ela amava e um mundo de segurança que não era dela, mas que ele pretendia manipular.

— O senhor não pode... — murmurou ela, a voz trêmula. — O que o senhor está propondo é chantagem.

— Chama-se administração de risco — cortou ele, seco —. Não é pessoal; é funcional. E saiba: não subestimo que você é importante para ele. Por isso mesmo sou direto. Eu ofereço a chance de uma saída honrosa: afaste-se e ninguém mais precisará perder nada. Insista, e eu garanto que o preço será caro. Para ele, para você, para quem estiver ligado a este escândalo.

Juliana apertou a mão ao redor do braço da máquina, sentindo os nós dos dedos brancos. As palavras do avô de Carlos eram calculadas para ferir e manipular. Em sua cabeça rodaram mil pensamentos: avisar Carlos, gritar, chamar a polícia, correr até o carro e bater a porta. Mas tudo o que saiu foi uma frase curta, dura, firme:

— Eu não vou me afastar por ser intimidada. — A voz saiu controlada, mas havia fogo.
— Se o senhor acha que pode decidir por mim, está enganado. Eu não sou um objeto.

Don Vittorio sorriu com aquela expressão fina de homem acostumado a ser obedecido.
— Depois não diga que não avisei — murmurou ele. — Pense bem no que está a ponto de perder.

Sem esperar resposta, virou-se e saiu do ateliê com a mesma lentidão implacável com que entrou. O som do portão se fechando reverberou por alguns segundos. Juliana ficou parada, o corpo ainda tenso, as mãos ao lado do corpo como se segurassem o mundo para que não desabasse.

O silêncio que se seguiu foi mais pesado que qualquer palavra. O celular ainda estava na mesa, a mensagem para Carlos sem enviar. Ela percebeu, então, que havia algo que doía mais do que o tom ameaçador do velho: a sensação de que agora não se tratava apenas de amor e orgulho — tratava-se de escolher como viver com dignidade, mesmo quando o preço parecia alto.

Respirou fundo, enxugou as lágrimas que não sabia quando haviam aparecido, e mudou de postura. Pegou o tablet, terminou de revisar um molde, ajeitou o vestido em um manequim e, com mãos firmes, voltou ao trabalho. Não iria agora chamar Carlos para resolver. Não antes de pensar, de entender a gravidade das palavras que ouvira. Ela precisava clareza, não ordens.

Do lado de fora, o carro preto sumira na rua; lá dentro, as linhas do tecido agora pareciam mais importantes, cada ponto um lembrete de que ela era, antes de tudo, dona de seu ofício. Mas, no fundo, sabia também que esse ultimato mudara tudo. Não era mais apenas sobre eles dois — era sobre família, poder e escolhas que iam além do amor.

E enquanto o resto do dia passava, com clientes chegando e a vida seguindo seu curso prático, Juliana sentiu o peso do ultimato como um nó que não se desfaz. Ainda não partiria. Ainda não tomaria uma decisão drástica. Mas, naquele momento, um medo novo se alojou em seu peito: o medo de ver o homem que amava disposto a perder ou a fazer perder tudo por causa de um nome.

Capítulo 27 — Reflexão à Noite

A noite caiu sobre a cidade, e o ateliê estava silencioso, exceto pelo som das máquinas de costura desligadas e o farfalhar leve dos tecidos ao vento da janela entreaberta. As

luzes internas criavam um contraste quente com a escuridão que se espalhava lá fora. Juliana estava sentada em frente à bancada, os braços apoiados na mesa, o olhar fixo nos vestidos ainda inacabados, mas a mente completamente longe deles.

O ultimato do avô de Carlos martelava em sua cabeça. Cada palavra dita ecoava como um alerta cruel: “Se você não se afastar, ele perderá tudo. Até o testamento.” Ela passou a mão pelo cabelo, respirando fundo, tentando organizar os pensamentos. O orgulho gritava para não ceder à ameaça, mas o coração, o amor que sentia por Carlos, lembrava de tudo que ele havia conquistado com esforço, talento e coragem.

Juliana fechou os olhos. Imaginou a vida dele, tudo o que ele havia construído e lutado para manter. A ideia de ser a causa de uma perda tão grande pesava como uma pedra em seu peito. Não era medo por ela mesma — era medo de vê-lo sofrer, de vê-lo sacrificar sua vida e legado por algo que ele amava, mas que poderia ser contestado por um avô autoritário.

Ela se levantou, caminhando entre os manequins, os tecidos deslizando pelos dedos. Pensou em Carlos, no jeito protetor dele, na confiança que sempre transmitia. “Como alguém tão poderoso pode estar à mercê de ameaças como essa?”, murmurou baixinho, mais para si mesma do que para qualquer outro som.

Sentou-se novamente, pegou o celular e olhou para a tela. Hesitou. Podia mandar uma mensagem para Carlos, chamar para conversar, explicar o que sentia — mas não queria revelar nada ainda. Precisava organizar as ideias, precisar sentir o coração calmo antes de tomar qualquer decisão.

Respirou fundo, os dedos pairando sobre o teclado. Finalmente, digitou:

> “Carlos, precisamos conversar. Vem até o ateliê, por favor.”

Ela olhou para a mensagem, o dedo pairando sobre o botão de enviar. Com um último suspiro, tocou na tela. A mensagem partiu, desaparecendo da tela, deixando apenas o reflexo das luzes do ateliê nos olhos verdes de Juliana.

Sentou-se, mãos entrelaçadas, encarando os vestidos e manequins que a cercavam. Não contaria ainda a decisão que havia tomado. O que ela sabia era que a conversa com Carlos seria inevitável — e que tudo mudaria depois daquele encontro.

Lá fora, a cidade continuava viva, mas no pequeno universo do ateliê, a noite se prolongava silenciosa, cheia de tensão e expectativa.

Capítulo 28 — A Mensagem

O celular vibrou no bolso do paletó enquanto Carlos estava em uma reunião. Ele retirou o aparelho com pressa, o coração acelerando quando viu a notificação:

> “Carlos, precisamos conversar. Vem até o ateliê, por favor.”

Sem pensar duas vezes, levantou-se, dispensou colegas com um aceno rápido e saiu da sala. O trânsito parecia mais lento do que o normal, mas ele não se importava. Cada segundo longe dela era como um peso a mais no peito. A cidade passava borrada pelas janelas do carro enquanto ele acelerava, tentando apagar o medo que crescia dentro dele.

Ao chegar, estacionou em frente ao ateliê e saiu do carro quase correndo. O portão estava entreaberto, a luz amarela do final da tarde iluminava o interior. Juliana estava sentada perto da bancada, o corpo inclinado, o rosto coberto pelas mãos. Ela parecia menor do que ele lembrava, como se o mundo tivesse pesado sobre os ombros dela.

— Juliana — disse ele, a voz carregada de urgência, aproximando-se devagar. — O que aconteceu?

Ela levantou o olhar, os olhos verdes marejados refletindo a luz das lâmpadas. Por um instante, ele achou que ela ia correr para ele, mas em vez disso, soltou uma respiração profunda e falou com firmeza:

— Carlos... eu não quero mais continuar com a gente. — As palavras saíram como um corte. — Acho melhor seguirmos nossos caminhos separados.

O corpo dele congelou. A respiração falhou, e o mundo pareceu desacelerar por alguns segundos.

— Como assim? — perguntou, a voz quase quebrando. — Juliana, por que você está dizendo isso?

Ela desviou o olhar, respirando fundo, tentando controlar as lágrimas.

— Não é algo que você fez... pelo menos não completamente. — A voz dela era firme, mas havia fragilidade. — Eu só... acho que é melhor assim, para os dois.

Carlos deu um passo à frente, segurando as mãos dela, implorando por contato.

— Mas você não entende, Ju. Eu posso resolver tudo! Eu posso enfrentar meu avô, posso fazer o que for preciso! — Sua voz subia, mas não conseguia convencer nem a si mesmo. — Me diz que posso consertar!

Ela balançou a cabeça, negando com a força de quem tenta se proteger.

— Não é só sobre resolver, Carlos. É... é sobre nós. Eu preciso pensar no que é certo para mim... e para você também.

— Mas o que você está dizendo? Que o que sentimos não vale nada? Que o que passamos juntos não importa? — Ele sentiu o peito apertar, a garganta seca. — Eu te amo!

Ela desviou o olhar, as lágrimas finalmente caindo.

— Eu também te amo... mas às vezes amar não é suficiente. — Pausou, engolindo o choro. — Por favor, entende... eu só preciso de espaço para pensar.

Carlos ficou em silêncio por um momento, o corpo rígido, os olhos fixos nela. Ele sabia que não poderia forçar, mas não conseguia aceitar.

— Então é isso? — murmurou, a voz baixa. — Você quer terminar tudo agora?

Ela assentiu, respirando fundo.

— É melhor assim.

Ele passou os dedos pelos cabelos, os ombros caindo. Olhou para ela mais uma vez, queria guardar cada detalhe, cada expressão, cada traço do rosto que amava tanto.

— Eu... eu vou embora, então — disse finalmente, a voz embargada. — Mas saiba que eu não vou esquecer você, Juliana. Nunca.

Ela se manteve sentada, os olhos fixos nos dele enquanto ele saía do ateliê, cada passo dele ecoando como um martelo em seu peito.

Quando a porta se fechou, o corpo dela cedeu: se jogou sobre a mesa, soluçando, lágrimas escorrendo sem controle.

No carro, Carlos encostou a cabeça no volante. A mesma dor, o mesmo aperto no peito, a mesma sensação de vazio absoluto. Chorou sozinho, sem conseguir segurar, as mãos fechadas no volante enquanto a cidade seguia indiferente ao redor. O silêncio dentro do carro era ensurdecedor, como se o mundo inteiro tivesse parado para sentir a dor de dois corações partidos.

Ele sabia que aquela noite mudaria tudo, talvez para sempre.

Capítulo 29 — Noite de Dor e Desespero

A noite estava fria, mas dentro do apartamento de Júlio o calor era outro: raiva e frustração. Ele e Carol haviam discutido feio. A briga começou quando ela defendia Juliana, mencionando como ela estava sofrendo por causa do conflito com Carlos, e Júlio, por sua vez, defendia o amigo, argumentando que Carlos só queria fazer o certo.

— Você está sempre tomando partido dela! — gritou Júlio, gesticulando. — E você nem pensa nos nossos amigos!

— Porque eu me importo com a amiga que você não consegue entender! — retrucou Carol, os olhos marejados. — Você só vê o que quer ver, Júlio!

As palavras voaram, cortantes, até que Carol saiu batendo a porta, deixando Júlio sozinho, respirando fundo, os punhos cerrados e o coração pesado. Ele sabia que tinha exagerado, mas não podia admitir naquele instante.

Horas depois, Júlio dirigia até o apartamento de Carlos. Quando chegou, encontrou o amigo sentado no sofá, garrafas espalhadas, chorando sozinho. O ambiente estava mergulhado em um silêncio pesado, apenas a luz suave do abajur iluminando o rosto abatido de Carlos.

— Cara... — disse Júlio, aproximando-se devagar —, você tá mal.

Carlos ergueu a cabeça, olhos vermelhos e marejados.

— Júlio... eu não sei mais o que fazer... — murmurou, segurando uma garrafa e bebendo mais um gole. — Eu não consigo tirar Juliana da cabeça.

Júlio suspirou, sentando-se ao lado dele e pegando uma garrafa da mesa.

— Nem eu consigo esquecer a Carol. — disse, abrindo o vidro e tomando um gole. — Vamos beber juntos, então. Pelo menos assim a dor dói menos.

As garrafas começaram a diminuir enquanto os dois amigos se permitiam desabafar, misturando lágrimas, risadas amargas e lembranças de tudo que estava acontecendo. Falavam de Juliana, da Carol, de amores e erros, de perdas e medos. Cada palavra carregava peso, mas também alívio — a primeira vez que admitiam quão feridos estavam.

— Eu queria... — Carlos murmurou entre goles — queria poder consertar tudo, Júlio. Só... queria que ela estivesse aqui, do meu lado.

— Eu sei como é, cara. — Júlio assentiu, os olhos marejados. — Eu queria a mesma coisa com a Carol. Mas... as coisas saíram do controle.

O silêncio caiu por alguns minutos, quebrado apenas pelo som do álcool sendo passado de uma garrafa à boca. A tristeza os envolvia, mas de algum modo, compartilhar a dor parecia aliviar o peso.

Depois de um tempo, Carlos ergueu-se, firme apesar do choro e do álcool:

— Eu não consigo mais esperar. Eu vou até a casa dela.

— Eu vou com você — disse Júlio, pegando o casaco. — A Carol e a Juliana moram na mesma casa. Não vou deixar você ir sozinho.

O carro cortou a noite, silencioso, levando os dois homens com o coração pesado. Ao chegarem, cada um correu até o portão de sua respectiva amada. Carlos começou a bater no portão de Juliana, a voz trêmula, chorando:

— Juliana! Por favor... abre! Eu preciso de você! Não me deixa assim!

Do lado, Júlio batia no portão da Carol com força, lágrimas escorrendo pelo rosto:

— Carol! Eu sei que brigamos, mas eu não posso ficar longe de você! Me deixa entrar!

Dentro da casa, Juliana e Carol ouviram os gritos, os batimentos desesperados no metal frio dos portões. Ambas se aproximaram, mãos trêmulas sobre os portões, corações disparados, lágrimas surgindo involuntariamente. Elas sentiram, naquele instante, o peso do amor e da dor simultaneamente, e souberam que não poderiam ignorar aqueles sentimentos, mesmo que as últimas horas tivessem sido marcadas por conflitos e mágoas.

Capítulo 30 — Entre Lágrimas e Abraços

A chuva fina ainda caía lá fora, pingando contra as janelas da casa. Juliana e Carol abriram cuidadosamente os portões, vendo os rostos molhados e abatidos de Carlos e Júlio.

— Entrem, agora! — disse Juliana, a voz firme, mas o coração apertado. — Vocês estão encharcados!

Os dois homens entraram, cambaleando levemente, exaustos pelo choro e pelo álcool. Juliana fechou a porta atrás deles, e o calor da casa pareceu envolver os quatro como um abraço silencioso.

— Vocês... precisam se secar, mudar de roupa — Carol disse, levando Júlio para o quarto dela, enquanto Juliana segurava Carlos pelo braço, guiando-o para o quarto dela.

O silêncio tomou conta por alguns segundos, quebrado apenas pelo som da água pingando da torneira no banheiro de Juliana. Carlos estava encostado na porta, os ombros trêmulos, os olhos vermelhos e marejados.

— Ju... não me abandona... por favor — murmurou ele, a voz falhando, os lábios tremendo. — Eu não aguento mais te perder.

Juliana respirou fundo, sentindo o coração apertar.

— Nunca... nunca vou te abandonar, Carlos — disse, segurando o rosto dele entre as mãos, afastando o cabelo molhado da testa dele. — Mas precisa ficar limpo, aquecido, pra gente pensar direito.

Ela ligou a água morna do chuveiro, ajudando Carlos a tirar a roupa encharcada. Ele se deixou guiar, o corpo tremendo não só pelo frio, mas pela intensidade da dor que sentia. Juliana entrou com delicadeza no chuveiro, segurando-o de frente para ela, as mãos firmes e gentis, lavando a chuva e o álcool da pele dele.

— Não me deixa... — ele sussurrou entre soluços, segurando-a com força. — Eu não consigo ficar sem você...

Juliana encostou a testa na dele, a respiração compartilhada, as mãos acariciando os ombros dele, sentindo cada tremor, cada dor.

— Eu estou aqui, Carlos... sempre — respondeu, a voz baixa, mas firme. — Está tudo bem.

Enquanto isso, no quarto ao lado, Carol fazia o mesmo com Júlio. Ele estava encostado na parede do banheiro, os olhos vermelhos, a expressão de desespero.

— Eu não mereço você... — Júlio sussurrou, engolindo em seco, as lágrimas escorrendo pelo rosto — mas eu não consigo te perder.

Carol segurou o rosto dele entre as mãos, lavando o cabelo dele com água morna, e sentiu o coração apertar com cada palavra.

— Você não vai me perder, Júlio — disse, a voz embargada. — Nunca.

Eles ficaram ali, os quatro, chorando, abraçados, sentindo a dor da noite e o calor do cuidado e do amor ao mesmo tempo. Nenhum queria falar demais; não era necessário. Cada lágrima compartilhada, cada toque, cada palavra sussurrada era suficiente para expressar tudo o que sentiam.

Quando o banho acabou, Juliana envolveu Carlos em uma toalha, secando delicadamente os cabelos e o corpo dele, enquanto ele se agarava a ela, como se fosse a única âncora em um mar de tormenta.

No outro quarto, Carol fez o mesmo com Júlio, enxugando seu rosto e abraçando-o firme. Ele soluçava baixinho, murmurando nomes e desculpas, enquanto ela apertava cada centímetro dele, transmitindo segurança e amor.

A noite se estendeu silenciosa, mas segura. A dor, a saudade e o desespero se misturavam com o cuidado, o toque e o calor humano. Pela primeira vez desde a briga e os conflitos, ambos os casais sentiram que, apesar de tudo, ainda havia esperança — que, mesmo nas lágrimas, ainda existia amor suficiente para resistir à tempestade.

E, por algumas horas, o mundo lá fora deixou de existir. Só restava o quarto, o calor, o cheiro de água morna e a certeza de que, por mais difícil que fosse, ninguém estava sozinho.

Capítulo 31 — Manhã de Ressaca

A primeira luz da manhã entrou pelas janelas, iluminando os quartos com tons suaves de dourado. Juliana ainda dormia abraçada a Carlos no quarto dela, os corpos próximos, compartilhando calor e conforto. No quarto ao lado, Carol dormia abraçada a Júlio, o rosto encostado no peito dele, respirando em sintonia, como se estivessem tentando se proteger do peso da noite anterior.

Com cuidado, as meninas se levantaram, ainda sonolentas, e se moveram devagar para não acordar os homens. Foram até a cozinha preparar café, a chaleira apitando

suavemente e o cheiro do café fresco misturando-se ao aroma de pão tostado e frutas cortadas. Cada gesto era delicado, feito com carinho, transmitindo conforto e atenção.

Enquanto isso, Carlos e Júlio começaram a despertar lentamente em seus quartos separados. A dor de cabeça da bebedeira da noite anterior atingiu-os com força: o couro cabeludo latejava, o estômago revirava e o gosto amargo do álcool ainda estava na boca. Mas a ressaca não era apenas física — a tensão e os desabafos da noite anterior deixavam marcas emocionais profundas.

Carlos abriu os olhos lentamente, piscando várias vezes, tentando afastar a luz do sol. Aos poucos, lembranças da noite anterior começaram a surgir: as conversas, o banho, o carinho silencioso. Ele sentiu o peito apertar, uma mistura de arrependimento, saudade e alívio por ainda poder estar próximo de Juliana.

— Nossa... — murmurou, passando a mão pelo rosto. — Que noite...

Júlio, no quarto ao lado, fez uma careta, esfregando os olhos.

— Minha cabeça está doendo. — Ele suspirou, lembrando das discussões com Carol e de tudo que tinha acontecido com Carlos. — Mas pelo menos estou aqui.

Com dificuldade, os dois se levantaram, cambaleando levemente, ainda sentindo os efeitos físicos e emocionais da noite. Caminharam devagar até a cozinha, guiados pelo cheiro do café fresco.

Ao entrarem, encontraram Juliana e Carol organizando as xícaras e sorrindo discretamente. O calor da cena fez o peito de ambos se apertar de um jeito mais suave, quase reconfortante.

— Bom dia — murmurou Carlos, a voz ainda rouca, os olhos azuis marejados.

— Bom dia — respondeu Juliana, entregando a xícara de café para ele.

Júlio recebeu a xícara de Carol, que colocou a mão de leve sobre a dele. — Bom dia — disse ela, e ele sentiu o coração bater mais forte, a ressaca emocional cedendo espaço para um alívio leve.

O aroma do café, o calor das mãos, o silêncio confortável — tudo isso fez os quatro sentirem que, apesar das dores, do álcool e das tensões, ainda havia cuidado, carinho e esperança.

A manhã seguiu calma, lenta, com cada gesto transmitindo confiança, amor e atenção mútua, preparando o terreno para conversas importantes e decisões que viriam a seguir.

Capítulo 32 — Café, Ateliê e Almoço em Conjunto

O sol já estava alto quando o café da manhã terminou, e o aroma de pão tostado e café fresco ainda preenchia a cozinha. Depois de algumas risadas tímidas e gestos de carinho, Juliana decidiu que era hora de voltar ao ateliê.

— Eu vou para o ateliê, organizar algumas coisas — disse ela, sorrindo. — Nos vemos mais tarde.

Carlos, ainda abatido, permaneceu na casa. Carol e Júlio aproveitaram o momento para conversar, sentados na sala, ainda próximos, retomando o diálogo que a briga da noite anterior havia interrompido. Entre risadas tímidas e gestos de carinho, eles se resolveram, aliviando o peso que carregavam.

Enquanto isso, Carlos, exausto da ressaca física e emocional, voltou para o quarto da Juliana e se deitou, permitindo-se descansar mais um pouco. Juliana, no ateliê, dedicava-se ao trabalho, concentrada, mas com o coração leve, sabendo que os quatro estavam bem, pelo menos por agora.

O tempo passou rapidamente, e logo deu a hora do almoço. Juliana encerrou as atividades no ateliê e voltou para casa. Carol já havia preparado tudo: arroz, legumes, carnes e uma salada fresca, com o cuidado de sempre.

Júlio foi até o quarto de Juliana para acordar Carlos, que ainda dormia profundamente.

— Ei, Carlos... acorda — disse ele suavemente, balançando os ombros do amigo. — Já é hora de almoçar, Juliana chegou.

Carlos abriu os olhos lentamente, a dor de cabeça ainda presente, mas a perspectiva de estar junto aos amigos e Juliana trouxe um sorriso fraco aos lábios.

Pouco tempo depois, os quatro se reuniram na cozinha de Carol. O clima estava leve e confortável, misturando conversas, risadas discretas e pequenos gestos de cuidado. O silêncio confortável, entre uma garfada e outra, mostrava que, apesar da tensão da noite anterior e da ressaca emocional, ainda havia carinho e proximidade entre todos.

Enquanto saboreavam a comida, cada gesto revelava atenção e consideração: Carlos trocando olhares cumplices com Juliana, Júlio segurando a mão de Carol discretamente, e as meninas sorrindo com a tranquilidade de ver que tudo estava bem, pelo menos por aquele momento.

O almoço se prolongou calmamente, um momento de pausa e de reconexão, onde todos podiam respirar, sentir o calor humano e perceber que, apesar das dificuldades, ainda havia esperança, cuidado e amor compartilhado.

Capítulo 33 — Verdades Que Doem

Depois do almoço, a casa estava silenciosa. O sol da tarde entrava pelas janelas, deixando a sala iluminada com uma luz quente e suave. Carol e Júlio ficaram na cozinha, terminando de organizar a louça e conversando em voz baixa, enquanto Juliana e Carlos subiam as escadas em direção ao quarto dela.

Carlos ainda parecia cansado, mas seus olhos buscavam os dela, como se tentasse entender o que ainda restava entre os dois. Juliana caminhava devagar à frente, o coração apertado, tentando encontrar as palavras certas para dizer o que vinha guardando dentro de si.

Quando entraram no quarto, ela fechou a porta com cuidado. O ambiente estava calmo, o ar levemente perfumado com o aroma de lavanda do incenso que ela havia acendido mais cedo. Juliana sentou-se na beira da cama, mexendo as mãos nervosamente, enquanto Carlos a observava em silêncio.

— Ju... o que foi? — ele perguntou, com o olhar preocupado. — Desde o almoço eu sinto que tem algo te incomodando.

Ela respirou fundo, desviando o olhar por um instante antes de finalmente encará-lo. — Carlos... tem algo que eu preciso te contar.

Ele se aproximou, ajoelhando-se à frente dela, como quem se preparava para ouvir o pior. — Pode falar, amor.

Juliana mordeu o lábio inferior, os olhos marejando. — Alguns dias atrás... o seu avô foi até o ateliê.

O semblante de Carlos se fechou. — Meu avô?

— Sim. — Ela assentiu, a voz trêmula. — Ele foi até lá e me deu um aviso. Disse que, se eu não me afastasse de você, ele tiraria tudo o que você tem. Falou que ia te excluir do testamento, que ia cortar seu nome da empresa... tudo, Carlos.

Carlos ficou em silêncio por alguns segundos, como se tentasse absorver o que ela havia dito. O olhar dele mudou, passando de confusão para incredulidade, e depois para raiva.

— Ele o quê? — perguntou, a voz baixa, mas carregada de fúria contida. — Ele foi até você pra te ameaçar?

Juliana enxugou as lágrimas antes que elas caíssem. — Ele não gritou nem foi grosseiro, mas deixou tudo muito claro. Disse que eu não sou o tipo de mulher que a família Moretti aceita, que eu sou um erro que você ainda pode consertar...

Carlos se levantou, passando as mãos pelos cabelos, andando de um lado para o outro, respirando fundo. — Eu não acredito que ele fez isso. — A voz dele agora estava embargada, misto de raiva e impotência. — Ele passou dos limites.

Juliana o observava, o coração apertado. — Carlos, eu não queria te contar, mas eu não aguentava mais guardar isso sozinha. Eu pensei muito antes de te mandar aquela mensagem.

Ele se aproximou novamente e segurou as mãos dela, com firmeza. — E você realmente achou que eu me importaria com o que ele pensa?

Ela suspirou, olhando para o chão. — Eu não quero ser a razão pra você perder tudo o que construiu. Eu te amo, mas não posso carregar essa culpa.

Carlos abaixou o olhar por um instante e depois a puxou para um abraço apertado. — Você nunca vai ser um peso pra mim, Ju. Nunca. Se eu tiver que escolher entre o que eu tenho e você... — ele parou, respirando fundo, — eu fico com você. Sempre.

As lágrimas escorreram silenciosas pelos olhos dela. O abraço deles era apertado, intenso, cheio de sentimento, e naquele momento o mundo parecia caber ali — entre as promessas não ditas e o medo de perder um ao outro.

— Eu só quero que as coisas fiquem bem — sussurrou Juliana, com a voz embargada.

— Vão ficar — respondeu Carlos, ainda a segurando contra o peito. — Eu te prometo, Ju. Eu vou dar um jeito nisso.

A tarde foi se tornando silenciosa novamente, e o quarto se encheu de uma calmaria frágil, o tipo de paz que vem logo depois de uma tempestade — mas que ainda carrega, no fundo, o som distante do trovão.

Capítulo 34 — Entre o Amor e o Sangue

O dia seguinte amanheceu nublado, o céu encoberto por nuvens pesadas que pareciam refletir exatamente o que Carlos sentia por dentro. Ele acordou cedo, a mente tomada por uma única decisão: encarar o avô.

Durante a noite, ele mal dormiu — as palavras de Juliana ecoavam na cabeça como uma ferida aberta.

Enquanto se vestia, o espelho refletia não apenas a aparência impecável de um CEO, mas o olhar de um homem cansado de viver sob as regras de outra pessoa. O terno que escolheu era o cinza claro, o mesmo que Juliana havia feito — como se fosse uma armadura com o toque dela.

No caminho para a mansão dos Moretti, o silêncio no carro era cortado apenas pelo som da chuva leve batendo no vidro. O motorista, percebendo o humor do patrão, não disse uma palavra. Carlos olhava pela janela, relembrando cada sorriso de Juliana, cada gesto, cada palavra que o fazia sentir-se vivo de verdade.

Quando o carro parou em frente à imponente mansão da família, Carlos respirou fundo e desceu. O portão se abriu automaticamente, revelando o jardim perfeitamente aparado, as fontes e a fachada de mármore — tudo símbolo de uma tradição fria e severa.

O mordomo o recebeu com um cumprimento respeitoso, mas o olhar preocupado denunciava que ele já sabia o motivo da visita.

— O senhor Moretti está na sala de leitura, senhor Carlos.

Carlos apenas assentiu e entrou.

O avô estava sentado em uma poltrona de couro escuro, com um livro aberto nas mãos. O homem de cabelos brancos ergueu os olhos lentamente, observando o neto com aquele olhar frio e calculista que sempre usava quando queria medir forças.

— Carlos — disse, fechando o livro com calma. — Imagino que tenha vindo falar sobre aquela moça.

Carlos cruzou os braços, encarando-o firme. — Juliana. O nome dela é Juliana, vô. E sim, é sobre ela que eu vim falar.

O velho suspirou e se recostou na poltrona. — Você é um Moretti. Não pode se envolver com alguém assim. Eu apenas tentei te proteger de um erro.

— Um erro? — Carlos deu uma risada curta, amarga. — O senhor acha que amar alguém é um erro?

— Amar alguém que não pertence ao nosso mundo é. — A voz do avô era firme. — Essa mulher vai te arrastar pra baixo. Ela não é uma Moretti, Carlos. Não tem o sangue, a classe, o nome.

Carlos se aproximou, a raiva contida vibrando no olhar. — Ela pode não ter o seu sobrenome, mas tem algo que falta a muita gente nessa família: caráter.

O silêncio tomou conta da sala. O avô o observava, mas Carlos não desviava o olhar.

— Se o senhor acha que pode me fazer escolher entre ela e o dinheiro, entre ela e o império Moretti... — ele respirou fundo, com a voz firme — então o senhor está prestes a perder tudo isso.

— O que está dizendo, garoto? — perguntou o avô, frazindo o cenho.

Carlos se endireitou. — Que se o senhor não aceitar a Juliana, eu largo tudo. A empresa, a herança, o nome. Tudo. Eu posso começar do zero, mas não vou perder a mulher que eu amo.

O velho o encarou em silêncio, o olhar endurecido. — Você está disposto a jogar fora gerações de legado por uma costureira?

— Por uma mulher que me ama de verdade. — Carlos respondeu, sem hesitar. — Coisa que o senhor nunca entendeu.

O avô se levantou lentamente, caminhando até a janela. — Você sempre foi impulsivo, Carlos. Um dia vai se arrepender.

Carlos deu um passo para trás, os olhos marejando de raiva e de dor. — Eu posso me arrepender de muita coisa, mas não de amar.

Ele se virou e começou a andar em direção à porta. Antes de sair, olhou por cima do ombro e completou, com a voz firme:

— Eu prefiro viver pouco ao lado da mulher que amo do que viver uma vida inteira preso à sua frieza.

Sem esperar resposta, ele saiu da sala, o som dos sapatos ecoando pelo chão de mármore. Lá fora, a chuva havia parado, mas o ar ainda estava pesado. No carro, ele respirou fundo e olhou o celular — havia uma mensagem de Juliana perguntando se estava tudo bem.

Ele sorriu de leve, com o coração apertado, e respondeu apenas:

> “Agora está.”

O motorista ligou o carro, e enquanto o portão se fechava atrás dele, Carlos sabia que algo dentro dele tinha mudado. Pela primeira vez, ele se sentia livre — e tudo por causa dela.

Capítulo 35 — O Amor Que Ficou

O fim da tarde chegou com o céu dourado, e o som leve das máquinas de costura ecoava pelo ateliê. Juliana trabalhava em silêncio, concentrada nos últimos ajustes de um vestido longo de seda azul. Tentava, de todas as formas, distrair o coração, mas cada ponto que dava parecia costurar também a saudade que sentia de Carlos.

Desde que ele saíra para falar com o avô, ela não havia recebido nenhuma notícia. O medo de que algo tivesse dado errado a consumia pouco a pouco.

O som da porta se abrindo suavemente a tirou dos pensamentos. Quando ergueu os olhos, o coração quase parou: era ele.

Carlos estava ali, parado à porta, com o mesmo terno cinza que ela havia feito. O olhar firme, mas doce. A expressão cansada, e ao mesmo tempo leve — como quem tinha acabado de lutar contra o mundo e, ainda assim, vencido.

— Carlos... — ela sussurrou, surpresa. — O que você está fazendo aqui?

Ele deu um passo à frente, com um meio sorriso nos lábios. — Vim te ver. E te contar que tudo está resolvido.

Juliana franziu o cenho, sem entender. — Como assim... resolvido?

Carlos se aproximou mais, até estar diante dela. — Eu fui falar com o meu avô. Disse que se ele não aceitasse você, eu desistiria de tudo. Da empresa, da herança, do nome Moretti... tudo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. — Você... fez isso?

— Fiz. — Ele assentiu, com a voz firme e emocionada. — Porque eu não quero uma vida de luxo sem você nela. O que adianta ter tudo, se eu não posso te ter comigo?

Juliana levou a mão à boca, o coração batendo descompassado. — Carlos...

Ele segurou as mãos dela, entrelaçando os dedos. — Eu te amo, Juliana. E não vou deixar mais ninguém interferir no que a gente sente. Eu escolho você. Todos os dias.

As lágrimas caíram silenciosas pelos olhos dela. — Eu achei que ia te perder...

— Nunca. — Ele passou a mão em seu rosto, limpando as lágrimas com o polegar. — Ninguém mais vai te afastar de mim.

Juliana o olhou, com os olhos brilhando, e um pequeno sorriso escapou. — Eu também te amo, Carlos.

Ele se aproximou lentamente, e quando seus lábios se encontraram, o mundo pareceu parar por um instante. Era um beijo calmo, mas cheio de sentimento — o tipo de beijo que sela uma promessa, que diz o que as palavras não conseguem.

Quando se separaram, ele encostou a testa na dela e sussurrou:

— Agora somos só nós dois.

Juliana sorriu, ainda com os olhos marejados. — E assim vai ser, pra sempre.

Eles ficaram ali, abraçados no meio do ateliê, rodeados por tecidos, rendas e linhas coloridas — o mesmo lugar onde tudo começou. A luz do entardecer entrava pelas

janelas, dourando os dois, como se o universo inteiro estivesse abençoando aquele reencontro.

O amor, enfim, havia vencido o medo.

Capítulo 36 — Um Novo Começo

Um mês se passou desde o dia em que Carlos e Juliana se reconciliaram.

A vida parecia, enfim, ter encontrado o ritmo certo — como se cada peça, depois de muito tempo fora do lugar, tivesse se encaixado com perfeição.

O nome Juliana Andrade já não era mais apenas de uma jovem estilista sonhadora: agora, era sinônimo de elegância e exclusividade entre as mulheres mais influentes da cidade. Seus vestidos passaram a aparecer em eventos, colunas sociais e até em capas de revistas de moda.

O ateliê, que antes era pequeno e simples, agora fervilhava de pedidos. Juliana havia contratado duas costureiras para ajudar, e até pensava em abrir uma nova filial.

Com o crescimento, veio também uma mudança que simbolizou uma nova fase: ela e Carol trocaram de casa.

As duas agora moravam em um sobrado moderno, amplo e cheio de luz natural — com uma decoração leve, repleta de flores e tecidos coloridos espalhados pelos cômodos. Era o reflexo perfeito da personalidade de cada uma.

Carol, por sua vez, também vivia uma boa fase. Ela e Júlio estavam mais próximos do que nunca. A convivência entre os quatro — ela, Juliana, Carlos e Júlio — havia se tornado constante e divertida. O grupo costumava se reunir nos fins de semana para cozinhar juntos, assistir filmes ou apenas conversar sobre a vida.

Naquela manhã, Juliana tomava café na varanda da nova casa, observando o movimento da rua. Estava descalça, vestindo um robe branco, o cabelo preso de qualquer jeito. Em cima da mesa, o celular vibrava sem parar com mensagens de clientes e convites para eventos.

Carlos, sentado ao lado dela, sorria ao ver o brilho no olhar da namorada.

— Tá famosa, hein? — ele brincou, tomando um gole do café.

Juliana riu, ajeitando uma mecha solta do cabelo. — Nem sei se acredito ainda... parece que tudo aconteceu tão rápido.

— Aconteceu porque você merece — ele respondeu, com orgulho evidente na voz. — Você trabalhou duro, Ju. Eu vi de perto.

Ela sorriu de volta, tocando a mão dele sobre a mesa. — E você sempre acreditou em mim, mesmo quando eu duvidei.

Carlos beijou a mão dela suavemente. — Eu só enxerguei o que o mundo tá vendo agora.

Os dois ficaram em silêncio por alguns segundos, aproveitando o momento simples, mas cheio de significado.

De repente, Carol apareceu na varanda, com o cabelo ainda molhado do banho e o celular na mão. — Amiga, você viu isso? — ela disse, animada. — A revista Estilo e Glamour quer fazer uma matéria sobre você!

Juliana arregalou os olhos, surpresa. — O quê? Sério?

— Sério! — Carol mostrou o e-mail na tela. — Eles querem fotografar seus vestidos e contar sua história.

Juliana levou as mãos à boca, emocionada. — Eu não acredito...

Carlos levantou, a abraçando por trás. — Acredita sim, porque é só o começo, amor.

Ela se virou e o olhou com ternura. — O começo de tudo o que a gente sonhou.

E naquele instante, com o coração leve e o futuro se abrindo diante dela, Juliana teve certeza:

depois de tantas lágrimas, dúvidas e medos, a vida estava sorrindo de novo.

Capítulo 37 — Um Amor em Paris

Paris estava coberta por um céu de tons dourados e rosados quando o avião pousou. Juliana olhava pela janela, os olhos brilhando de emoção. Era a primeira vez que ela viajava para fora do país, e ainda mais ao lado de Carlos Moretti — o homem que, apesar de todos os altos e baixos, havia se tornado o amor da vida dela.

Assim que saíram do aeroporto, foram recebidos por uma brisa fria e o cheiro de café vindo das padarias parisienses. Carlos, elegante como sempre, usava um sobretudo

preto e cachecol cinza. Juliana, com um casaco creme e boina combinando, parecia saída de um filme.

Durante os dias seguintes, eles viveram como em um sonho.

Passearam de mãos dadas pelas ruas de Montmartre, provaram macarons coloridos em pequenas confeitorias, e assistiram ao pôr do sol às margens do Sena.

Cada momento era simples, mas carregado de significado — sorrisos, olhares, toques leves e promessas silenciosas.

Na sexta noite da viagem, Carlos disse que tinha uma surpresa.

Juliana se arrumou sem saber o que a esperava: usava um vestido longo vermelho de seda, feito por ela mesma, com decote delicado nas costas. O cabelo solto, com leves ondas, e um batom cor de vinho completavam o visual.

Ele a levou até um restaurante sofisticado, localizado no alto da Torre Eiffel. O lugar estava quase vazio, iluminado por pequenas luzes douradas que refletiam no vidro e criavam um cenário digno de conto de fadas.

— Carlos... isso tudo é maravilhoso — ela disse, encantada, observando a vista de Paris cintilando lá embaixo.

Ele sorriu, nervoso, mas com os olhos firmes nos dela. — Só queria o cenário perfeito pra te dizer uma coisa.

Juliana arqueou as sobrancelhas, surpresa. — Uma coisa?

Carlos respirou fundo, levantou-se e, para o espanto dela, ajoelhou-se diante da mesa. A música ambiente pareceu sumir. O coração dela batia tão forte que parecia ecoar por todo o restaurante.

— Juliana Andrade... — ele começou, a voz rouca, carregada de emoção. — Desde o dia em que entrei no seu ateliê pra buscar um terno, você mudou completamente a minha vida. Me ensinou o que é amor de verdade, o que é lutar junto, o que é acreditar mesmo quando tudo parece impossível.

Ele abriu uma caixinha de veludo preto, revelando um anel de diamante delicado, elegante e clássico — a cara dela.

— Hoje, diante da cidade do amor, eu quero te pedir pra ser a mulher da minha vida. Quer casar comigo?

Os olhos de Juliana se encheram de lágrimas instantaneamente. As palavras pareciam travadas na garganta, então ela apenas assentiu com a cabeça, antes de dizer, entre risos e lágrimas:

— Sim, Carlos. Mil vezes sim!

Ele se levantou, a puxou para um abraço apertado e a beijou sob as luzes de Paris, enquanto lá fora a Torre Eiffel piscava em sincronia com os fogos que começaram a surgir ao longe.

Era como se o universo inteiro comemorasse aquele amor.

Dias depois, de volta ao Brasil, Juliana mal teve tempo de respirar. A entrevista para a revista Estilo e Glamour estava marcada.

Ela chegou ao estúdio usando um vestido branco elegante, simples e sofisticado — mais uma criação sua.

As perguntas foram sobre moda, inspiração e carreira, até que a repórter sorriu e perguntou:

— Juliana, o público quer saber... o coração da estilista mais falada do momento tem dono?

Juliana sorriu, olhando discretamente para a câmera.

— Tem, sim. E agora de forma oficial. Estou noiva de Carlos Moretti, o CEO do Moretti Group.

O estúdio inteiro vibrou. A repórter arregalou os olhos, surpresa.

— Noiva? Uau! Então quer dizer que o famoso CEO se rendeu ao amor?

Juliana riu, tímida. — Ele sempre foi rendido, só não sabia.

E, pela primeira vez desde que tudo começou, ela sentiu que nada mais poderia abalar o que eles tinham.

O amor deles havia sobrevivido a tudo — e agora, estava pronto para durar pra sempre.

Capítulo 38 — Perdão

O telefone tocou na manhã de domingo, interrompendo o silêncio da casa.

Juliana, que estava no ateliê, ouviu o som abafado vindo da sala. Carlos atendeu, e em poucos segundos seu semblante mudou completamente.

— O que aconteceu? — perguntou ela, preocupada, aproximando-se.

Ele demorou um instante para responder, tentando processar as palavras.

— É o meu avô... passou mal. Está no hospital.

Juliana não hesitou. Largou tudo, pegou a bolsa e o acompanhou.

O caminho até o hospital foi silencioso, o som do motor se misturando à ansiedade e ao medo que pairavam no ar.

Carlos mantinha o olhar fixo na estrada, os dedos tamborilando no volante um hábito que surgia sempre que estava nervoso.

Ao chegarem, o clima era frio e tenso. As luzes brancas, o cheiro de desinfetante e o som dos passos apressados dos médicos criavam uma atmosfera pesada.

Don Moretti já estava consciente, deitado na cama, pálido, mas respirando com ajuda de equipamentos.

Quando viu Carlos e Juliana, tentou sorrir.

— Então vocês dois vieram... — disse, a voz rouca, olhando para Juliana com um brilho nos olhos. — Juliana... fico feliz que esteja aqui.

Juliana se aproximou devagar, segurando a mão dele com carinho.

— Claro, Senhor Don Moretti.

Carlos segurou a mão do avô com firmeza, os olhos marejados. — Vô, você me assustou demais.

Don Moretti soltou uma risada fraca. — Eu sei, eu sei... Mas precisava ver vocês juntos, antes que eu ficasse pior.

O silêncio que se formou depois foi carregado de emoção.

Carlos não desvia o olhar — sabia que aquele momento era importante.

O velho respirou fundo, esforçando-se para continuar. — Eu... quero pedir perdão, Carlos. A você e a Juliana.

Juliana sorriu, emocionada. — Não precisa, Don. O importante é que o senhor esteja bem.

— Eu fui um homem rígido — continuou ele, olhando para o neto. — Um dia fui bom, cheio de sonhos e esperanças, mas a vida me endureceu. Acabei sendo injusto, impondo regras demais... machucando quem amava.

Carlos apertou a mão do avô. — O senhor nunca me perdeu de verdade, vô. Só não entendeu o que era importante pra mim.

— Hoje eu entendo — disse Don Moretti, com dificuldade para falar, mas com sinceridade nos olhos. — E quero que saiba que você não vai perder nada por amar essa mulher. Nem a empresa, nem o legado, nem o meu respeito. Eu já organizei tudo: o Moretti Group é seu, como deveria ter sido sempre.

Juliana sentiu um nó na garganta e segurou a mão do avô com mais força.

— Ela te fez mais humano, Carlos — completou Don Moretti. — Vocês dois juntos me fizeram lembrar que a vida também pode ser doce.

Carlos inclinou-se e abraçou o avô, emocionado.

Naquele instante, o peso de todos os anos de dureza e desentendimentos pareceu se dissolver.

Era o início de um novo ciclo — um em que o amor finalmente vencia o medo.

Quando saíram do hospital, Juliana segurou a mão de Carlos, olhando para o céu no fim de tarde.

— Seu avô é um homem incrível. Ele só precisava do motivo certo pra acreditar novamente no amor.

Carlos sorriu, encostando a cabeça na dela. — E esse motivo... foi você.

Ela riu, encostando a cabeça no ombro dele.

— Não, Carlos. O motivo foi a gente.

E assim, entre o som leve dos pássaros e o vento suave da tarde, o perdão trouxe paz.

Capítulo 39 — O Grande Dia

Cinco meses se passaram desde que Don Moretti saiu do hospital, completamente recuperado e cheio de vida. O tempo trouxe paz, felicidade e muito trabalho: Juliana

havia consolidado seu ateliê e, junto com Carol, estava preparando o que seria o casamento do ano.

A manhã daquele dia estava clara e fresca. Carlos e Juliana haviam se mudado para uma elegante casa nova, e os pais de Carlos, Helena e Roberto Moretti, chegaram cheios de expectativa. Helena, elegante e calorosa, foi imediatamente recebida por Juliana com abraços longos e sinceros. O vínculo entre elas foi instantâneo: Juliana admirava a doçura de Helena e a forma como ela entendia Carlos, e Helena estava encantada com a força, beleza e delicadeza da futura nora.

— Você será a mulher da vida dele, querida — disse Helena, sorrindo e segurando a mão de Juliana. — Eu sempre soube que ele precisava de alguém como você.

Juliana sorriu, emocionada. — Obrigada, Helena... isso significa muito para mim.

A igreja estava deslumbrante. Um tapete vermelho corria pelo corredor central, ladeado por arranjos de flores brancas e rosas, misturando lírios, peônias e orquídeas. Velas altas em candelabros dourados estavam estrategicamente colocadas ao longo do altar, criando um brilho acolhedor e romântico. O teto da igreja estava adornado com delicadas guirlandas de flores pendentes, como se o céu também celebrasse aquele amor.

Juliana respirou fundo, sentindo a emoção tomar conta. Ela vestia um vestido de noiva branco estilo princesa, com mangas bufantes e um corpete ricamente bordado com rendas delicadas que ela mesma desenhou. O véu era enorme, caindo em camadas suaves até tocar o chão, e o coque preso no cabelo exibia uma coroa discreta, ao mesmo tempo majestosa e delicada. Cada detalhe — das rendas ao véu — era criação própria de Juliana, tornando o casamento único e inesquecível.

Carlos entrou no altar com um terno branco impecável, perfeitamente ajustado, refletindo sua elegância e imponência. Cada gesto, cada olhar, era carregado de emoção. Ao seu lado, Júlio, padrinho, vestia terno preto clássico, e Carol, madrinha, brilhava com um vestido rosa sofisticado, feito por ela e Juliana, que combinava delicadeza e elegância.

O casal se posicionou no altar, e Juliana percebeu que os olhos de Carlos estavam cheios de lágrimas de felicidade. Ela segurou firme a mão dele, sentindo cada batida do coração como se estivesse sincronizada com a sua.

— Hoje... é o dia em que nossas vidas se tornam uma só — murmurou Carlos, com a voz firme, mas embargada pela emoção.

A cerimônia começou, e os convidados, familiares e amigos mais próximos, se emocionaram a cada momento. As alianças, cuidadosamente guardadas em uma almofada de seda branca com detalhes bordados por Juliana, foram trocadas entre sorrisos e lágrimas.

Quando o padre finalmente pronunciou:

— Eu os declaro marido e mulher,
um aplauso tomou toda a igreja, e Juliana e Carlos se beijaram sob um céu de pétalas que foram espalhadas pelo corredor, criando um efeito mágico, digno de conto de fadas.

Ao final da cerimônia, todos os detalhes que Juliana e Carol haviam planejado se destacavam: os arranjos de flores, o tapete vermelho, o brilho suave das velas e o amor evidente em cada olhar. Cada convidado percebeu o cuidado, a dedicação e o talento das duas mulheres, tornando aquele dia ainda mais especial.

Carlos olhou para Juliana e, sorrindo, disse:

— Não poderia imaginar minha vida sem você.

Juliana, com os olhos brilhando, respondeu:

— E eu nunca imaginei que poderia ser tão feliz.

E assim, entre sorrisos, abraços e olhares apaixonados, o grande dia de Carlos e Juliana se tornou inesquecível, uma celebração do amor, da superação e da união de duas pessoas que provaram que, quando se luta pelo amor verdadeiro, ele sempre vence.

Capítulo 40 — A Festa dos Sonhos

O sino da igreja ainda ecoava no coração dos convidados quando todos chegaram ao salão de festas, preparado com perfeição para celebrar o amor de Carlos e Juliana Moretti.

A decoração refletia a personalidade de Juliana: delicada, sofisticada e apaixonada por detalhes. O salão estava decorado em tons de rosa suave, um rosa que aquecia o olhar sem cansar, harmonizado com branco e dourado nos detalhes. Flores frescas,

arranjos altos em vasos de cristal, luzes de LED discretas e velas em candelabros criavam um clima acolhedor e luxuoso.

O ponto alto do salão, sem dúvida, era a mesa de doces, que Juliana havia planejado pessoalmente. Era enorme, ocupando quase todo um lado do salão, e cada detalhe refletia sua paixão por doces e estética. Brigadeiros, beijinhos, cajuzinhos, trufas de chocolate, macarons coloridos, cupcakes delicados com flores de pasta americana, pirulitos decorados e balas artesanais estavam dispostos em bandejas de cristal e porcelana branca, alguns em suportes dourados, outros em pequenas torres que lembravam castelos de conto de fadas. Cada doce tinha uma pequena etiqueta com letras douradas, mostrando carinho e capricho em cada escolha.

Juliana caminhava pelo salão, observando cada detalhe com olhos brilhantes e coração cheio.

— Está exatamente como eu sonhei... — murmurou, emocionada, segurando a mão de Carlos.

Ele olhou para ela, sorrindo com aquela mistura de orgulho e amor.

— Tudo isso... você fez com suas mãos e com o coração, Juliana. Estou feliz por ser o homem ao seu lado.

Carol e Júlio estavam radiantes, compartilhando sorrisos e olhares cúmplices, aproveitando cada momento ao lado dos noivos. Carol, como sempre elegante, esbanjava charme em seu vestido rosa, e Júlio não desgrudava o olhar da amiga, feliz por vê-la tão realizada.

Os convidados se deliciavam com cada detalhe: a música ambiente suave, os arranjos florais delicadamente posicionados sobre as mesas, as velas acesas e a iluminação que destacava a riqueza dos tons de rosa. Cada canto do salão refletia o cuidado, o amor e o talento de Juliana, tornando a festa inesquecível.

Quando chegou o momento do primeiro brinde, Carlos tomou a palavra:

— Hoje é o dia mais importante da minha vida. Eu casei com a mulher que sempre sonhei... e todo este lugar, todos estes detalhes, são o reflexo do coração dela. Juliana, obrigado por me escolher.

Juliana, emocionada, ergueu a taça e respondeu:

— Eu casei com o homem que sempre sonhei... que me respeita, me ama e me faz feliz todos os dias. Este é o casamento que eu sempre quis, e hoje meu sonho se tornou realidade.

A festa seguiu cheia de risos, música, dança e alegria. Cada detalhe, cada olhar, cada gesto mostrava o amor que havia construído aquela história.

No final da noite, quando os convidados se despediam, Carlos segurou firmemente a mão de Juliana e sussurrou:

— Preparada para a lua de mel?

Juliana sorriu, os olhos brilhando de felicidade.

— Para qualquer destino com você, Carlos... mas as Maldivas parecem perfeitas.

E assim, os recém-casados embarcaram em sua lua de mel paradisíaca nas Maldivas, com o coração leve, a alma cheia de amor e a certeza de que aquele era apenas o começo de uma vida juntos, vivendo cada sonho que sempre imaginaram.

Capítulo 41 — Lua de Mel nas Maldivas

O avião aterrissou suavemente em Malé, capital das Maldivas, e já do aeroporto, Carlos e Juliana sentiram a brisa quente e o cheiro do mar. Um barco particular os esperava para levá-los até o resort, localizado sobre as águas cristalinas de um atol isolado, rodeado por coqueiros e areia branca.

O resort era um verdadeiro paraíso: bangalôs de madeira sobre o mar, com varandas privativas, piscinas transparentes que refletiam o azul do céu, e interiores decorados com luxo discreto, madeira clara, tons de branco e toques de rosa, lembrando o estilo do casamento de Juliana.

Assim que entraram no bangalô, Juliana se jogou no chão e girou de alegria.

— Carlos... isso é inacreditável! — disse, os olhos brilhando.

Ele sorriu, a expressão suave e apaixonada. — Só quero que aproveite cada segundo comigo, Juliana.

O primeiro dia foi de exploração e relaxamento. Eles caminharam de mãos dadas pela praia, sentiram a areia fina entre os dedos, mergulharam nas águas mornas e transparentes, nadando entre peixes coloridos. Juliana vestia um biquíni branco com detalhes de renda, enquanto Carlos usava uma bermuda azul marinho, o corpo levemente bronzeado pelo sol tropical. Cada toque de mãos durante o mergulho ou nas caminhadas pela praia aumentava a tensão entre os dois, pequenos olhares e sorrisos cumplices que falavam por si.

Ao entardecer, eles foram para um passeio de barco com fundo de vidro, observando corais e cardumes de peixes brilhantes. O céu se tingia de laranja, rosa e dourado, refletindo nas águas, criando uma atmosfera mágica. Carlos puxou Juliana para junto de si, abraçando-a firme, e ela apoiou a cabeça no peito dele.

— Eu poderia passar a vida inteira assim — murmurou ela.

— Eu também — respondeu ele, beijando a testa dela suavemente.

Quando a noite chegou, eles foram recebidos em um jantar privativo na praia, com tochas iluminando o caminho e uma mesa posta com velas, flores e pratos sofisticados. Juliana usava um vestido longo rosa claro, fluido, que dançava com a brisa do mar, cabelos soltos e leves ondas. Carlos, elegante em camisa branca de linho e calça bege, segurava a mão dela, e cada gesto era carregado de desejo e carinho.

Após o jantar, voltaram para o bangalô, e a privacidade absoluta da lua de mel fez a química entre eles explodir. Juliana entrou no quarto ainda vestida com o vestido rosa, e Carlos não conteve a admiração:

— Você é perfeita... e hoje eu vou fazer você se sentir assim por toda a noite.

Eles se beijaram longamente, o toque das mãos explorando lentamente, corpos colados, respirações entrecortadas. Juliana sentiu o calor do desejo percorrendo cada parte de seu corpo, e Carlos, paciente, a provocava com beijos suaves pelo pescoço e ombros, descendo até a cintura.

As horas se passaram em carícias, beijos e sussurros, enquanto a lua iluminava o quarto com tons prateados e refletia nas águas do bangalô. Cada movimento, cada toque, era uma mistura de amor profundo e desejo intenso. Eles riam, se entregavam, descobriam novos jeitos de se tocar e se fazerem felizes, celebrando não só a paixão, mas a confiança e o carinho construídos ao longo da vida juntos.

No dia seguinte, acordaram com o sol entrando pelas janelas de vidro, refletindo o azul do mar. Juliana se aninhou nos braços de Carlos, sentindo seu coração bater junto com o dele.

— Esse lugar... e você — murmurou ela, olhando nos olhos dele — me fazem sentir que a vida é perfeita.

Carlos sorriu, passando os dedos pelo cabelo dela. — E a vida só vai ficar melhor, meu amor. Hoje, amanhã e sempre.

Eles continuaram a lua de mel explorando ilhas desertas, mergulhando entre corais, fazendo passeios de caiaque e aproveitando cada instante de privacidade. Cada noite era igual: um encontro íntimo, intenso e apaixonado, celebrando o amor que finalmente haviam conquistado.

E assim, nas Maldivas, entre o azul do mar e o brilho da lua, Carlos e Juliana viveram dias de paixão, romance e felicidade plena, fortalecendo ainda mais o laço que os uniria para sempre.

Capítulo 42 — Novas Alegrias

Carlos e Juliana passaram duas semanas em lua de mel nas Maldivas, aproveitando cada instante do paraíso. Mergulhos em águas cristalinas, passeios de barco, jantares à luz de velas na praia e noites apaixonadas marcaram cada dia da viagem, fortalecendo ainda mais o vínculo do casal.

Quando retornaram para casa, retomaram a rotina que já haviam construído juntos, mas agora como marido e mulher. Carlos continuava seus compromissos à frente do Moretti Group, enquanto Juliana gerenciava o ateliê e suas coleções de moda. Entre reuniões, visitas ao ateliê e pequenos passeios, eles viviam cada momento com cumplicidade, carinho e amor, sentindo que a vida finalmente estava completa.

Um mês depois, Juliana percebeu mudanças em seu corpo e decidiu fazer um teste de gravidez. Quando viu o resultado, seu coração disparou. Ela segurou o teste, incapaz de conter o sorriso, e correu para contar a Carlos:

— Carlos... nós vamos ter um bebê! — disse, os olhos brilhando de felicidade.

Carlos a abraçou imediatamente, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Um bebê? Juliana... isso é maravilhoso! — repetiu, incapaz de conter a emoção. — Nós vamos ser pais!

Os dois permaneceram abraçados, emocionados, celebrando aquele momento que marcava o início de uma nova fase em suas vidas.

No dia seguinte, decidiram compartilhar a grande novidade com Carol e Júlio, seus amigos mais próximos e cúmplices de todas as etapas de suas vidas. Juliana preparou um jantar especial, cuidando de cada detalhe da mesa e da decoração, enquanto Carlos ajudava a organizar o ambiente para receber os amigos.

Quando Carol e Júlio chegaram, foram recebidos com abraços calorosos e sorrisos radiantes.

— Temos uma notícia incrível para vocês! — disse Carlos, segurando a mão de Juliana.

— O que é? — perguntou Carol, já suspeitando pela expressão nos rostos deles.

— Nós vamos ter um bebê! — anunciou Juliana, mostrando o teste de gravidez.

Carol e Júlio explodiram em alegria, abraçando Juliana e Carlos ao mesmo tempo. Júlio ergueu Carlos levemente, celebrando a notícia, enquanto Carol chorava de emoção.

— Isso é incrível! — disse Carol, sorrindo. — Estamos muito felizes por vocês!

Carlos sorriu, emocionado.

— E tem mais... queremos que vocês dois sejam os padrinhos do nosso bebê. Não poderíamos imaginar ninguém melhor para compartilhar esse momento tão especial.

Carol segurou a mão de Júlio, emocionada, enquanto ele assentia com um sorriso largo.

— É uma honra! — disse Carol. — Vamos cuidar desse bebê com vocês.

Naquela noite, entre risadas, abraços e planos para o futuro, ficou claro que a amizade, o amor e a cumplicidade entre eles quatro seriam a base perfeita para a chegada do bebê e para todos os momentos felizes que viriam.

Capítulo 43 — Gêmeos e Casamento

Sete meses haviam se passado desde que Juliana descobriu a gravidez, e agora ela exibia uma barrigona de sete meses, radiante e cheia de expectativa. Carlos estava sempre ao seu lado, admirando cada mudança, acariciando a barriga e conversando com os bebês, como se já os conhecesse.

As últimas consultas revelaram uma surpresa maravilhosa: eles não esperavam apenas um filho, mas dois — um menino e uma menina. Juliana e Carlos ficaram extasiados, abraçando-se e rindo, imaginando como seria a vida com dois pequenos, ao mesmo tempo tão diferentes e tão próximos.

— Dois! — disse Carlos, olhando para a barriga da esposa com um misto de espanto e alegria. — Isso é... perfeito!

— Eu sei! — respondeu Juliana, acariciando os dois bebês. — Duas vidas para amar e proteger.

A alegria da gravidez coincidiu com o dia tão esperado do casamento de Júlio e Carol. Juliana ajudou pessoalmente nos detalhes do vestido da amiga, e a emoção tomou conta de todos os convidados.

O casamento aconteceu em uma igreja elegante e sofisticada, decorada em tons de lilás, harmonizando com a personalidade de Carol. O tapete central guiava os passos da noiva, ladeado por arranjos de flores delicadas: lilases, lavandas e pequenas rosas brancas, que preenchiam o ambiente com perfume e beleza. Velas altas em candelabros dourados adicionavam um toque de sofisticação, iluminando cada detalhe da cerimônia.

Carol apareceu deslumbrante com um vestido ombro a ombro, estilo princesa com mangas leves e corpete rendado, combinando elegância e delicadeza. O cabelo estava solto, levemente ondulado, adornado com presilhas brilhantes discretas, que captavam a luz e complementavam o visual, dando a Carol um ar gracioso e sofisticado.

Júlio, elegante em terno preto clássico, esperava emocionado no altar, sorrindo para a noiva. Ao lado dele, Carlos e Juliana eram os padrinhos, ambos radiantes. Juliana usava um vestido roxo fluido, que destacava perfeitamente sua barrigona de gêmeos, harmonizando sofisticação e o encanto da maternidade. Carlos estava impecável em terno azul marinho, segurando a mão dela e sorrindo orgulhoso.

— Carol... — murmurou Júlio, emocionado — você é a mulher que eu sempre sonhei.

— E você, Júlio, é o homem que me completa — respondeu Carol, sorrindo e enxugando algumas lágrimas de emoção.

A cerimônia foi carregada de sorrisos, olhares emocionados e aplausos sinceros dos convidados. Quando o padre declarou:

— Eu os declaro marido e mulher! —

todos explodiram em alegria, e a noiva e o noivo se beijaram sob um céu de pétalas espalhadas, criando um momento mágico e inesquecível.

Após a cerimônia, a festa foi um reflexo do carinho e da amizade que unia todos: Carlos e Juliana sorrindo orgulhosos como padrinhos, observando os amigos dançarem, a decoração em tons de lilás suave, flores e velas iluminando o salão e a mesa de doces preparada por Juliana trazendo brigadeiros, beijinhos, trufas e macarons delicados.

Juliana sentiu uma pontada de emoção ao perceber que, mesmo grávida de gêmeos, estava cercada de amor, amizade e felicidade.

— Carlos... olha para eles, olha como estão felizes — disse ela, sorrindo enquanto segurava a mão dele sobre a barriga.

— Sim, Ju... nossa família está crescendo e está cercada de amor — respondeu ele, beijando a testa dela. — E agora, com Júlio e Carol começando a vida juntos, só posso agradecer por cada momento.

A noite seguiu com danças, risos e abraços. Juliana, Carlos, Júlio e Carol comemoravam não apenas um casamento, mas a vida, a amizade e o amor que os unia, sentindo que a chegada dos gêmeos e a união dos amigos eram apenas o começo de uma nova fase repleta de felicidade.

Capítulo Final — Um Ano de Felicidade

O tempo havia passado rápido, e os pequenos já completavam um ano de vida. A casa de Juliana e Carlos estava cheia de cores, balões e risos, celebrando o primeiro aniversário dos gêmeos.

Juliana e Carlos decidiram chamar o menino de Rafael e a menina de Isabela. A alegria de ver os dois juntos, engatinhando, rindo e brincando com os brinquedos espalhados pelo jardim, enchiam o coração do casal de emoção.

— Olha só, Carlos! Eles já estão se entendendo tão bem — disse Juliana, acariciando a barriga, ainda maior de emoção e amor pelos filhos.

— É incrível, Ju... nós fizemos uma família perfeita — respondeu Carlos, segurando sua mão sobre a dela, sorrindo.

O dia estava radiante, com o sol iluminando cada detalhe da festa: mesas decoradas com cores suaves de rosa e azul, doces, cupcakes com pequenos laços, brigadeiros e beijinhos dispostos com perfeição, flores delicadas espalhadas pelo jardim e um bolo enorme decorado com os nomes Rafael & Isabela.

Entre os convidados, Carol e Júlio estavam radiantes, abraçando os amigos e também compartilhando sua própria felicidade. Nos últimos meses, Carol havia descoberto que estava grávida, trazendo ainda mais alegria para todos.

— Parece que vai ter mais uma geração de bebês no grupo! — disse Júlio, rindo e segurando a mão de Carol.

— É, vai ser uma família ainda maior — respondeu Carol, sorrindo e acariciando a própria barriga.

As crianças brincavam entre balões e músicas infantis, e os adultos conversavam, riam e comemoravam cada instante. Juliana e Carlos não conseguiam tirar os olhos dos filhos, emocionados com cada sorriso, cada passo engatinhando, cada risadinha.

— Eu não poderia imaginar um ano mais feliz do que este — disse Juliana, encostando a cabeça no ombro de Carlos.

— Nem eu, Ju... — respondeu ele, beijando sua testa — temos uma família linda, amigos incríveis e muito amor ao nosso redor.

Quando a festa terminou, todos se reuniram para uma última foto, com Juliana e Carlos segurando Rafael e Isabela, e Carol e Júlio ao lado, mostrando barrigas sorridentes, sinalizando que novas vidas estavam a caminho. A felicidade era contagiatante, e naquele instante, todos sentiram que a vida finalmente estava completa.

A tarde terminou com abraços apertados, risadas e a certeza de que, juntos, eles tinham construído uma história de amor, amizade e família que ninguém poderia separar. A vida seguia, cheia de luz, alegria e esperança, com os gêmeos crescendo cercados de amor, e o futuro prometendo ainda mais momentos inesquecíveis para todos.

FIM!